



Universidade
Estadual de

Londrina

JANIFER ALVES

**DISCIPLINA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NO CONTEXTO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LONDRINA
2010



JANIFER ALVES

**DISCIPLINA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NO CONTEXTO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia, do Centro de
Educação, Comunicação e Artes, da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora:
Prof. Dra. Márcia R. Souza Xavier.

Londrina
2010

JANIFER ALVES

**DISCIPLINA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NO CONTEXTO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Marcia R. Souza Xavier¹
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Ms. Vilze Vidotti²
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Mês. Zuleika Aparecida Claro Piassa³
Universidade Estadual de Londrina.

Londrina, 15 de setembro de 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família e em especial ao meu esposo Rodolfo que de muitas formas me incentivaram e me ajudaram para que fosse possível a concretização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e toda a minha família, meu pai Cícero, minha mãe Silvana, minhas irmãs Suelen, Jhúlia e Carolainy, aos meus avôs Jorge e Maria do Carmo e em especial ao meu esposo Rodolfo.

Agradeço à minhas amigas Cristiane, Célia e Danielle, pelo apoio que me deram nesses quatro anos de faculdade que fizemos juntas.

Agradeço também a minha orientadora Professora Doutora Marcia R. Souza Xavier, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo por sua amizade, por me ajudar nesta etapa de minha vida, em minha formação como pedagoga e sobretudo como educadora.

Alves, Janifer. **Disciplina e organização escolar no contexto do ensino fundamental**. 2010. 60fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Esta pesquisa se caracteriza como um Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia do Departamento de Educação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina. Objetiva conhecer a organização da escola a fim de identificar os processos de disciplina e-ou indisciplina que se constituem neste contexto. Neste sentido, esta pesquisa vem problematizar em que termos tais processos interferem na organização da prática docente, bem como na aprendizagem de estudantes da primeira fase do Ensino Fundamental. A indisciplina é vista por muitos como um problema do estudante ligado à falta de limites ou mesmo a desestrutura familiar. Mas também pode ser considerada como um reflexo da prática docente, da organização da escola ou mesmo de questões ligadas à estrutura social. Para Freire (1996), a escola é um espaço social onde acontece a educação formal. No entanto ela não é um produto acabado, pois está sendo historicamente construído. Portanto, os desafios enfrentados pela escola, inclusive os processos chamados de indisciplina, não podem ser compreendidos desgarrados do contexto histórico-social, econômico, político e cultural da sociedade onde atua e da qual é parte. Não se pode decifrar a organização escolar sem a inteligência de como o poder, nesta ou naquela sociedade, se vem construindo, a serviço de quem, em favor de que e contra que. A fim de entender esta realidade, desenvolvemos pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa consistiu em analisar a conjuntura referente aos fatores que determinaram a história da organização da escola, bem como a importância dos processos disciplinares em cada período histórico, a fim de entender a constituição da mesma nos dias atuais. Para tanto utilizamos o referencial teórico da Educação Intercultural (FLEURI, 2001, 2008). A pesquisa de campo foi direcionada para investigar a importância da disciplina nos processos de aprendizagem dos estudantes. Para tanto escolhemos como *lócus* de investigação uma escola do Ensino Fundamental do município de Londrina, no período em que desenvolvíamos o estágio obrigatório de docência. Sendo assim, o paradigma de investigação é a Pesquisa Participante (BRANDÃO, 1985). Os dados foram coletados a partir de análise de documentos, de observação direta da dinâmica da escola, questionários, entrevistas e registros em diário de campo, principalmente no período de intervenção do estágio. Os resultados apontam que a escola possui uma organização disciplinar autoritária que promove muitas vezes a sujeição dos estudantes. Os possíveis fatores que geram a indisciplina no âmbito escolar envolvem fatores têm razão de ser em causas que são internas e/ou externas à escola. Ao pedagogo implica criar estratégias para enfrentar esta questão, por meio do trabalho pedagógico participativo, coletivo e democrático.

Palavras-Chaves: Disciplina. Organização Escolar. Cultura. Poder. Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

7

CAPITULO 1 – CONSTITUIÇÃO DOS PROCESSOS DE DISCIPLINA NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA BRASILEIRA

12

1.1 A SOCIEDADE AGRÁRIA E A ESCOLA RELIGIOSA TRADICIONAL

13

1.2 A SOCIEDADE URBANO-INDUSTRIAL E A ESCOLA PÚBLICA

18

1.3 NA SOCIEDADE PÓS MODERNA QUAL A ESCOLA?

22

CAPITULO 2 – ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

24

2.1 SOBRE EDUCAÇÃOES

25

2.2 SOBRE DISCIPLINAS

26

2.3 SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR

27

2.4 SOBRE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

31

CAPITULO 3 – DISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

34

3.1 O CONTEXTO ESCOLAR

34

3.2 A PERSPECTIVA DOS EDUCADORES

36

3.3 ESTRATÉGIAS DE AÇÕES PEDAGÓGICAS DEMOCRÁTICAS

42

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

45

REFERÊNCIAS

47

APÊNDICES

49

Apêndice A – Modelo de Questionário dos Estudantes

50

Apêndice B – Tabulação dos Questionários dos Estudantes

51

Apêndice C – Modelo de Questionário dos Educadores

56

Apêndice D – Tabulação dos Questionários dos Educadores

58

INTRODUÇÃO

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Paulo Freire, 1996.

A escola se caracteriza como um dos contextos sociais de formação do ser humano. Por ser legitimada como instituição responsável por ensinar os conhecimentos científicos, possui uma equipe pedagógica que através do trabalho coletivo busca cumprir este objetivo.

De acordo com Saviani (2005) a função da escola na sociedade consiste em conduzir o aluno à socialização do saber sistematizado. Ao observarmos a efetivação deste propósito, às vezes nos enganamos acreditando que a escola desempenha seu papel perfeitamente. A entrarmos nas escolas é possível identificar diferentes problemas que têm ligações com o próprio contexto escolar, mas também com um contexto maior constituído por questões de ordem política, econômica e cultural da sociedade maior da qual faz parte e é parte integrante.

A exemplo disso podemos citar a precariedade do sistema que oferece baixos salários e condições penosas aos profissionais que atuam neste espaço. Faltam recursos, materiais didáticos e o espaço físico nem sempre comporta a demanda de estudantes, visto que as salas de aula têm um número que não permite o trabalho educativo com qualidade, provocando em muitos casos a evasão, a violência, a indisciplina entre outros problemas.

A indisciplina é vista por muitos como um problema do estudante ligado à falta de limites ou mesmo a desestrutura familiar. Mas também pode ser considerada como um reflexo da prática docente, da organização da escola ou mesmo de questões ligadas á estrutura social.

Neste sentido, ao destacar a indisciplina como um problema enfrentado pelos profissionais da educação, entendemos que tal problema pode ser desencadeado por diversos fatores que permeiam a estrutura social, a organização do ambiente escolar e até a metodologia empregada em sala de aula.

Enquanto estudante do Ensino Fundamental de uma escola de periferia localizada na zona norte de Londrina, observamos que esta escola enfrentava vários problemas como o vandalismo, a violência, a falta de recursos, a rotatividade de professores. Além disso, possuía uma estrutura física que não comportava o número grande de alunos.

No entanto, o que mais nos intrigava era o comportamento dos estudantes em sala, visto que, enquanto os educadores tentavam ensinar os conhecimentos, presenciávamos estudantes subindo em carteiras, gritando, jogando bolas de papel pela janela ou pela sala, usando corretivo para apagar tinta de caneta estereográfica ou escrever nas carteiras.

A experiência do passado (enquanto estudante), aliada à experiência acadêmica e aos conhecimentos aprendidos na graduação, sob o olhar do presente (agora como educadora do Ensino Fundamental), possibilitam focar aquele momento no sentido de entender que alguns destes comportamentos que ocorriam e ainda ocorrem na escola, podem se caracterizar como manifestações de resistência frente ao papel autoritário da escola.

Considerando esta realidade, buscamos através desta pesquisa entender e caracterizar os processos de disciplina escolar, no sentido de questionar qual o papel da mesma na dinâmica e organização da escola. Conhecer esta temática implica na possibilidade de construir alternativas que modifiquem a realidade caótica de algumas escolas, no sentido de caracterizar a função e a contribuição do pedagogo nesta problemática.

Nossa intenção é **problematizar** a seguinte questão: Quais os processos de disciplina pertinentes à organização da escola a fim de que esta cumpra seu papel? De que forma o pedagogo pode contribuir para a construção e organização de uma escola que desempenhe o seu papel? Neste sentido o **objetivo** desta consiste em:

- Caracterizar historicamente a organização escolar no sentido de entender as manifestações de disciplina ou indisciplina presentes nos diferentes contextos sócio-históricos e que persistem na atualidade.
- Compreender a relação das manifestações de disciplina ou indisciplina com a função da escola.
- Analisar os processos de disciplina no contexto da escola de Ensino Fundamental.

- Analisar o papel do pedagogo na busca de estratégias para trabalhar a disciplina escolar no sentido de colaborar para que a escola desenvolva a sua função.

Os comportamentos considerados como manifestações de indisciplina, rebeldia ou mesmo violência são vistos por muitos como um problema do estudante ligado à falta de limites ou mesmo a desestrutura familiar.

No entanto, estes mesmos comportamentos podem ser considerados como um reflexo da ou uma reação à organização da prática docente, da organização da escola ou mesmo de questões ligadas á estrutura social.

Para Freire (1996), a escola é um espaço social criado para oferecer a educação formal. No entanto ela não é um produto acabado, pois está se fazendo historicamente. Portanto, os desafios enfrentados pela escola, inclusive os processos chamados de indisciplina, não podem ser compreendidos desgarrados do contexto histórico-social, econômico, político e cultural da sociedade onde atua e da qual é parte.

Ele diz ainda que não se pode decifrar a organização escolar sem a inteligência de como o poder, nesta ou naquela sociedade, se vem construindo: a serviço de quem? E favor de que? Contra que?

A fim de entender esta realidade, desenvolvemos pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira consistiu em analisar a conjuntura referente aos fatores que determinaram a história da organização da escola, bem como a importância dos processos disciplinares em cada período histórico, a fim de entender a constituição da mesma nos dias atuais. Para tanto utilizamos o referencial teórico da Educação Intercultural (FLEURI, 2008).

De acordo com o Dicionário de Filosofia da Educação o termo “disciplina significa basicamente a observância de preceitos ou normas e a submissão a um regulamento ou a algum tipo de ordem”. Neste sentido, “disciplinar” é um modo de inserir no sujeito as regras que deverão ser respeitadas e seguidas pelo mesmo para que possa ser aceito e conviver em sociedade. (WINCH, 2007)

De acordo com análise de Chervel (1990, p.177-180) até meados do século XIX o termo *disciplina escolar* era usado no sentido de “vigilância”, de “repressão das condutas prejudiciais à boa ordem dos estabelecimentos”. Foi apenas na

segunda metade deste mesmo século que o termo *disciplina* passa a ser atribuído a conhecimentos escolares (conteúdos de ensino).

No contexto escolar a palavra disciplina se refere à ações exercidas pelos educadores para manter a organização da escola mediante o controle dos corpos, Também pode ser vista como um método empregado pelos educadores para ensinar os conhecimentos escolares, principalmente por meio de adestramento, onde os estudantes são levados a aprender estes mesmos conhecimentos, sob pena de punição caso não incorpore os procedimentos precisos exigidos pelo sistema de ensino, sejam estes na forma de provas e avaliações, ou comportamentos que viabilizem este propósito.

À fim de investigar e entender os processos disciplinares da escola, bem como as manifestações de indisciplina vivenciados nestes espaços, direcionamos a pesquisa de campo nos moldes da Pesquisa Participante (BRANDÃO, 1985) que se desenvolveu no contexto do estágio obrigatório de docência das séries iniciais. Focamos, sobretudo identificar a importância da disciplina escolar nos processos de aprendizagem dos estudantes.

Para tanto escolhemos como *locus* de investigação uma escola do Ensino Fundamental do município de Londrina, no ano de 2010. Os dados foram coletados a partir de análise de documentos, de observação direta da dinâmica da escola, questionários, entrevistas e registros em diário de campo, e nas atividades desenvolvidas em sala de aula no período de intervenção do estágio.

Desenvolvemos a escrita do texto na seguinte ordem.

No primeiro capítulo, **Constituição dos Processos de Disciplina na Organização da Escola Brasileira**, buscamos conhecer os fatores que determinaram a organização da escola no Brasil, identificando principalmente os processos de disciplina que interferem no desenvolvimento da função da escola.

No segundo capítulo, **Abordagem da Educação Intercultural**, buscamos entender como funciona a estrutura disciplinar da escola e os problemas enfrentados por esta última à fim de conhecer a cultura escolar e elencar elementos que contribuam para melhorar o desenvolvimento e organização do trabalho pedagógico.

No terceiro capítulo, **Disciplina Escolar e Gestão Democrática no Contexto do Ensino Fundamental** descrevemos o processo de pesquisa de campo a fim de identificar as implicações da disciplina no contexto da escola. Também identificamos algumas estratégias de ação do pedagogo que podem colaborar para

o enfrentamento das questões em torno desta temática numa perspectiva democrática.

Os resultados apontam que a escola possui uma organização disciplinar autoritária que promove muitas vezes a sujeição dos estudantes. Os possíveis fatores que geram a indisciplina no âmbito escolar envolvem fatores têm razão de ser em causas que são internas e/ou externas à escola. Ao pedagogo implica criar estratégias para enfrentar esta questão, por meio do trabalho pedagógico participativo, coletivo e democrático.

CAPITULO 1

CONSTITUIÇÃO DOS PROCESSOS DE DISCIPLINA NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA BRASILEIRA

Enquanto espaço social em que a educação formal, que não é toda a educação, se dá a escola na verdade não é a escola está sendo historicamente. A compreensão de algo mais abrangente que ela – a sociedade mesma na qual se acha. A educação formal que é vivida na escola é um subsistema do sistema maior. [...] Fala-se da crise da escola como se ela existisse desgarrada do contexto histórico – social, econômico, político da sociedade concreta onde atua; como se ela pudesse ser decifrada sem a inteligência de como o poder, nesta ou naquela sociedade, se vem construindo, a serviço de quem e desservindo a quem, em favor de que e contra que.

Paulo Freire, 2003.

Quando nos referimos à palavra disciplina, logo nos lembramos das matérias dispostas no currículo escolar (português, matemática, história, geografia, ciências, artes e outras). No entanto, ao fazermos uma análise histórica buscando seu significado, encontramos muito mais que uma atribuição à organização dos conhecimentos escolares chamados de conteúdos.

De acordo com o Dicionário de Filosofia da Educação o termo “disciplina significa basicamente a observância de preceitos ou normas e a submissão a um regulamento ou a algum tipo de ordem”, ou seja, “disciplinar” é um modo de inserir no sujeito as regras que deveram ser respeitadas e seguidas pelo mesmo para que possa ser aceito e conviver em sociedade. (WINCH, 2007).

No contexto escolar a palavra disciplina se refere à ação exercida pelos educadores para manter a organização da escola mediante o “controle dos corpos” como relata Foucault (1990 apud FLEURI, 2008, p. 15), um método empregado de transmitir os conhecimentos escolares por meio de um “adestramento”, onde os alunos são coibidos a aprender e reproduzir os mesmos, sob pena de punição caso não incorpore os procedimentos precisos exigidos pelo sistema de ensino.

Saviani (2006) ao falar do legado educacional brasileiro do século XX, argumenta que o surgimento da escola pública no Brasil foi marcado por vários acontecimentos importantes que permanecem até hoje.

O modelo de escola e de ensino que conhecemos não foi sempre assim, pois passou por diversas transformações que afetaram significativamente, sua função social, organização curricular e a forma de atuação do educador, pois a educação é um processo social que determina e é determinado pelo contexto sócio-histórico em está inserido.

Portanto a análise de qualquer fenômeno educativo até mesmo as ações indisciplinares, não podem ser compreendidas isoladamente, depende da compreensão que temos de sociedade. São os fatores de ordem política, econômica e cultural que determinaram em seu conjunto a organização da sociedade que por sua vez pede organização do trabalho pedagógico escolar.

Neste sentido, o objetivo deste primeiro capítulo, é conhecer os fatores que determinaram a organização da escola no Brasil, identificando principalmente os processo de disciplina que interferem no desenvolvimento da função da escola.

1.1 A SOCIEDADE AGRÁRIA E A ESCOLA RELIGIOSA TRADICIONAL

A escola brasileira foi organizada no século XVI com base no modelo educacional trazido de Portugal pelos Jesuítas, quando ainda éramos colônia. A escola era religiosa e financiada pelo governo Português, mas sua organização estava sob a responsabilidade da Companhia de Jesus.

Em 1532 o Rei de Portugal D. João III implantou na colônia brasileira um sistema de divisão de terras chamado de capitâneas hereditárias, tendo como objetivo o povoamento, a defesa contra a invasão de outros povos e a propagação da fé católica. Para garantir o funcionamento deste sistema, a metrópole contava com a eficiência do trabalho educativo dos Jesuítas.

Diante das dificuldades enfrentadas como a falta de dinheiro dos donos das capitâneas, falta de pessoas para trabalhar nas lavouras, o constante ataque de tribos indígenas, revoltadas contra a escravidão que o colonizador queria impor, dificuldade de comunicação entre as capitâneas e Portugal, decorrente da enorme distancia e dos péssimos meios de transporte e o fato de todas as capitâneas não serem propicias para plantação de cana-de-açúcar, cuja produção interessava ao

sistema colonial que estava sendo implantado, Portugal fez modificações instituindo o Governo Geral como representante do poder público da metrópole na colônia.

Neste contexto, em 1548 D. João III estabeleceu o regimento “Tomé de Sousa”, com o objetivo de criar um governo-geral para centralizar a política e administrar a colônia, mas sem abolir o regime das capitanias que ditava os parâmetros de seu governo e indicava a conversão e instrução dos indígenas pela fé católica. Identificamos nesta decisão as primeiras manifestações de organizar uma educação que deveria atender os interesses do Estado Imperial regente.

Conforme relata Ribeiro (1981), a educação desenvolvida pelos índios tinha o intuito de permitir a participação das crianças nas atividades de sua tribo e de sua cultura. Os colonizadores concebiam esta forma de organização como primitiva, por isso, através da sedução e muitas vezes da força, dominaram os índios a fim de transformá-los em um povo "civilizado".

Esta estratégia permitiu o contato e a inserção dos portugueses nas tribos e à medida que ensinavam a cultura européia, dominavam os índios, impunham regras, disciplina e a sua própria forma de organização. Com isso conquistavam terras, extraíam os bens, impondo seus costumes e uma colonização de exploração.

A educação da colônia era organizada pelos jesuítas com os subsídios recebidos do governo português, conforme afirma Ribeiro (1981, p.29) “ficavam juridicamente obrigados a formar gratuitamente sacerdotes para a catequese”.

Os padres missionários organizavam os conhecimentos e atividades curriculares chamados por eles de plano de estudos. De acordo com Ribeiro (1981) este plano era formado por doutrina cristã, português e escola de ler e escrever. Como ensino opcional havia canto orfeônico e de música instrumental. A divisão dos estudos por um lado tinha o aprendizado profissional e agrícola, e por outro, aula de gramática e viagem de estudos a Europa.

A formação dos educadores para ministrar as aulas era de suma importância, pois só depois de trinta anos de estudo é que eram considerados aptos para exercer a função. A princípio tal formação era destinada à educação dos índios com o propósito de formar sacerdotes, no entanto, esta foi uma tentativa frustrada, pois os índios não conseguiam se adequar às regras e disciplinas impostas. Os missionários objetivavam modificar e renegarem a cultura dos índios que deveriam por meio da educação religiosa converter-se à cultura européia tradicional.

De acordo com Ribeiro (1981), a constatação por parte da coroa portuguesa do desinteresse e impossibilidade de instrução do índio nos moldes da “Companhia de Jesus”, levou à modificação do plano inicial. Neste caso, os *instruídos* passam a ser apenas os descendentes dos colonizadores, enquanto que os índios deveriam ser *catequizados*.

A educação no período Jesuítico torna-se diferenciada de acordo com o segmento ao qual se destinava. Aos índios, negros e mestiços que eram a maioria, ensinava-se o trabalho manual. Para as mulheres, a educação era restrita às boas maneiras e prendas domésticas. Apenas a elite colonial era preparada para o trabalho intelectual.

De um modo geral a educação escolar desenvolvida no contexto do Brasil Colônia, era voltada para esta elite, com o pressuposto de preparar estas pessoas para servir de articuladores entre a metrópole e as ações das coloniais.

No século XVIII a Europa enfrenta uma grande crise, pois os absolutistas e mercantilistas promovem a oposição aos ideais liberais, resultando nas revoluções burguesas. A Inglaterra surge como potência iniciando o capitalismo industrial. Portugal que não conseguiu acompanhar as mudanças do capital, procurou na liderança de Pombal se adequar à nova ordem econômica, mantendo no entanto uma ordem política com base no absolutismo real.

Para implementar a reforma pombalina a metrópole portuguesa contava mais uma vez com a educação escolar. A ideia era retirar a educação do domínio dos Jesuítas e concebê-la como responsabilidade do Estado monarquista, que na prática assumiu apenas o salário dos professores. Ao confiscar os bens dos Jesuítas, o governo pombalino não investiu na construção de prédios, portanto as aulas eram ministradas em salas separadas e de maneira desarticulada. O resultado foi um sistema de ensino desmantelado.

De acordo com Ribeiro (1981) no período de gestão de D. João VI, onde o Brasil se transformou em sede da metrópole portuguesa foi estabelecida uma relação cada vez maior de submissão do Brasil perante a Portugal. Mas foi em 1807, quando Portugal foi invadido pelas tropas francesas, a família real é obrigada a vir para o Brasil.

Diante da necessidade de instalação imediata do governo português, inicia-se uma reorganização administrativa e escolar, pois necessitavam de pessoas capacitadas para diversos setores, por isso em 1808 foram criadas diversas

“Academias”, podemos destacar que foi o início do ensino superior no Brasil. Quanto ao ensino primário, continuou sendo um nível de instrumentação técnica, no sentido de ter como objetivo conduzir o aluno a ler e escrever, e no Ensino Secundário permaneceu a organização das aulas régias.

De acordo com Hilsdorf (2003) o poder foi ocupado nas décadas de 1820 e 1830 por agrupamentos políticos (mais “correntes de opinião” do que partidos) atuantes no país; “partido português “(dos absolutistas e restauradores), “partido radical” (dos democratas), e por fim “partido brasileiro ou moderado” (composto de proprietários de terras).

A independência do Brasil foi feita pelo apoio do partido moderado e de acordo com Hilsdorf (2003, p. 42) “por influência de seu pragmatismo, essa classe senhorial vai aplicar os princípios liberais (não democrático mais unificado e centralizado) na defesa dos seus direitos de posse de terras e escravos.”

No âmbito educacional as lideranças políticas e culturais da geração da independência davam grande ênfase á educação popular, pois nas décadas de 1820 e 1830, de acordo com Hilsdorf (2003, p. 43) “organizaram asilos de órfãos, casas de correção e trabalhos, rodas de expostos, jardins botânicos [...]”. Mas o sistema de classes prevalecia na organização social, por isso a preocupação com o povo não significava a preocupação com a “plebe”, mas sim com o que a classe senhorial dos proprietários designava como sendo o “povo”, embora o discurso dos liberais fosse “a formação de homens livres para o sistema representativo e cidadãos hábeis para empregos no Estado”.

Em 1827, ocorre a apresentação do projeto de Januário Cunha Barbosa deputado do partido liberal-radical que visava criar um sistema educacional nacional, mas esta proposta nem chegou a ser discutida, no entanto a parte referente à escola primária foi ao plenário, mas sofreu tantas emendas que, quando obteve aprovação como lei, estava reduzida á manutenção do ensino “mutuo”, este método era considerado um dos melhores para a educação, os alunos eram agrupados em salas, onde tinham apenas um professor regente e vários monitores.

No período que antecedeu o século XX evidenciamos muitas transformações na dinâmica e organização da sociedade brasileira. Surgem idéias que influenciaram o surgimento da escola pública. Uma delas, segundo Hilsdorf (2003, p. 57), foi as transformações nas relações de trabalho do regime escravo para o assalariado.

Paralelamente evidenciamos o início do processo de industrialização e a forte presença do trabalhador urbano, uma categoria diferenciada que aos poucos incorporava um novo modelo de organização do trabalho.

Influenciados pelas idéias do movimento operário europeu (socialistas, anarquistas e comunistas), os trabalhadores urbanos começam a reivindicar seus direitos, entre eles a educação escolar. Por outro lado o estado brasileiro se depara como o desafio de manter a ordem social.

Hilsdorf (2003) explica que neste momento há uma intensa circulação de novas tendências de pensamento, entre eles o positivismo⁴, que teve ampla aceitação na sociedade brasileira influenciando a organização do sistema de ensino. Fundamentado no ideal de ordem, disciplina e hierarquia o estado brasileiro positivista procurava implementar os processos de disciplina escolar primando pela crença na ciência como regeneradora da sociedade.

De acordo com Saviani (2006, p. 18) “é a partir daí que o poder público assume a tarefa de organizar e manter integralmente escolas, tendo como objetivo a difusão do ensino a toda a população”. Neste contexto, a partir de 1980 tem início o modelo de escola graduada no estado de São Paulo e a disseminação do modelo estrutural de grupo escolar por todo o país. Embora essa reforma não tenha se consolidado, acabou se tornando referência para os demais estados durante a Primeira República.

Tem início em 1920 uma outra proposta de organização escolar com base no Movimento da Escola Nova. Para Hilsdorf (2003, p. 80), a opção por este modelo pedagógico tinha bases técnicas e concepções científicas consideradas mais atualizadas, no caso a sociologia, a biologia e a psicologia: A “adesão [...] era representada como um avanço, um progresso: tanto mais progressista quanto mais técnico, especializado, como queria a modernidade dos anos 20”.

Esta autora explica que neste contexto, liberais e católicos tinham um projeto para moldar a sociedade através da transformação da educação escolar e para tanto travam entre si, um embate ideológico, objetivando o controle das escolas.

1.2 A SOCIEDADE URBANO-INDUSTRIAL E A ESCOLA PÚBLICA

A organização de uma escola pública, laica e gratuita surgiu entre os séculos XIX e XX, no entanto até hoje a sociedade luta pela garantia deste direito previsto nas constituições republicanas. Segundo Souza (2004, p. 112), neste período: “À educação popular foi atribuído o importante papel de formação do cidadão republicano”. Ancorado nesses princípios, o estado brasileiro procurou organizar o seu sistema escolar investindo também na formação dos educadores e na renovação dos processos de ensino.

Em 1930, durante a “Era Vargas” foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, e uma das primeiras medidas tomadas pelo titular da pasta, segundo Saviani (2006) foi o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas. Na sequência tivemos uma série de medidas de alcance nacional relativas à educação, como a Reforma Francisco Campos em 1931 que implementou pressupostos fundamentais da Escola Nova implementando uma reforma na instrução pública, onde se deveriam preparar os jovens para a vida.

A duração do curso foi alterada para 7 anos dando maior ênfase aos estudos das ciências físicas e naturais; dividido em dois ciclos: o fundamental (5anos) e o complementar (2 anos) organizado em três seções: para a faculdade de direito, para a faculdade de medicina, odontologia e farmácia e para os cursos de engenharia e arquitetura.

O ciclo fundamental foi concebido como ciclo comum destinado à formação de adolescentes. A organização curricular contemplava o ensino de cinco idiomas (sendo um facultativo) e disciplinas relacionadas às ciências físicas e naturais. O complementar previa certo grau de especialização e agrupava matérias em conformidade com a orientação profissional dos estudantes.

Observamos no contexto dos estabelecimentos de ensino regular, a exigência de seriação, frequência obrigatória, aprovação em todas as disciplinas da série para a promoção para as séries seguintes, habilitação nos dois ciclos para realização do vestibular e entrada no ensino superior.

O ensino primário não foi contemplado nesta reforma, mas deu-se um passo importante no sentido da regulamentação em âmbito nacional.

O texto “Reflexões Didático-pedagógicas e Política Educacional nos Confrontos Ideológicos dos anos 30”, do livro “História da Educação”, de Paulo Ghiraldelli Júnior (1991), nos ajuda a compreender um pouco mais sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), especialmente a relação da origem deste documento com o contexto que envolvia a organização da educação e da escola naquele período.

As reformas estaduais de educação dos anos de 1920 foram encabeçadas pelos intelectuais que ficaram conhecidos como “profissionais da educação” e que nos anos de 1930 acabaram publicando o Manifesto dos Pioneiros da Educação, onde propunham bases pedagógicas renovadas e a reformulação da política educacional, objetivando mudanças qualitativas e quantitativas na rede de ensino público. Em linhas gerais defendiam a escola pública, obrigatória, laica e gratuita e pelos princípios pedagógicos renovados inspirados nas teorias de John Dewey (1859-1952), Kilpatrick (1871-1965) e outros.

O Manifesto tinha um tom elitista e gerou uma provocação nos educadores católicos que defendiam a pedagogia tradicional. No centro desta disputa ficou o governo que procurou situar-se numa posição neutra. Não podia negar o apoio aos católicos e precisava dos “profissionais da educação” como aliados em função das soluções pedagógicas aparentemente atrativas e modernizantes que eles defendiam e que poderiam ser utilizadas no sentido de integrar a política trabalhista.

Em 1934, Gustavo Capanema deu seqüência ao processo de reforma educacional, ao substituir Francisco Campos no Ministério da Educação. Segundo Saviani (2006, p. 37), esta mudança interferiu na organização do Ensino Superior e, a partir de 1942, nos demais níveis de ensino por meio das “Leis Orgânicas do Ensino”, também conhecida como Reforma Capanema. Consistiu em implementar reformas parciais recuperando de certa forma as tradições extintas pela reforma anterior; especialmente a formação humanística e a concepção do Secundário como educação das elites.

A reforma assinalava as diferentes finalidades do Ensino Primário que visava a socialização do ser humano e o Secundário acentuava nos adolescentes a consciência patriótica e humanística através dos conhecimentos curriculares estudados.

A divisão do ensino neste período também foi em dois ciclos. O primeiro, denominado Ginásial com o curso de formação geral durava quatro anos e tinha no

currículo, disciplinas como trabalhos manuais, educação física, desenho, caligrafia, biologia, pedagogia, didática e prática de ensino, além dos temas clássicos.

O segundo ciclo tinha duração de três anos e compreendia dois cursos paralelos, o Clássico e o Científico que tinham por objetivo desenvolver e aprofundar os conhecimentos ensinados no primeiro ciclo.

A Reforma Capanema não se diferenciou muito das determinações fixadas na Reforma Francisco Campos. Algumas alterações foram significativas como a padronização dos tipos de estabelecimento de Ensino Secundário; o termo Colegial foi adotado para designar o segundo ciclo do Secundário. Apesar do exame de admissão continuar sendo exigido para a matrícula na primeira série do Ginásial foram introduzidas duas inovações. Uma foi a “Orientação Educacional” nas escolas secundárias visando o encaminhamento dos alunos nos estudos e na escola profissional através de esclarecimentos e conselhos. A outra foi os chamados “Trabalhos Complementares”, envolvendo instituições escolares de caráter cultural e recreativo.

O Estado Novo naquele momento consolidou no país, certas deficiências do sistema legislativo e fez com que as últimas leis orgânicas perdurassem por quase vinte anos. Em 1945 chegamos ao fim da “Era Vargas”, da Segunda Guerra Mundial e ao início de um período chamado de redemocratização.

Com o desenvolvimento da industrialização, a escola pública é concebida e organizada para formação da elite brasileira. Mais uma vez, a Constituinte de 1946 significou uma batalha entre católicos (escola religiosa e tradicional) e pioneiros (escola nova) pelo controle da educação escolar, no entanto o que estava em jogo era a disputa pela formação das mentalidades.

Hilsdorf (2003, p. 108 apud OLIVEIRA⁵, 1992, p. 5-20) fala que a educação nesta perspectiva aparece como “regeneradora de costumes”, pois o interesse desses grupos se constituía na seguinte lógica: por uma lado os católicos eram contra o “monopólio do Estado” pela educação e ainda pretendiam reinserir o ensino religioso; por outro lado, os liberais eram favoráveis à educação laica, mista, neutra, gratuita, obrigatória e de responsabilidade do estado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que vinha sendo tramitada desde 1955 sofria duras críticas do Deputado Carlos Lacerda⁶, que defendia o interesse privado católico, propondo verbas públicas para o financiamento de entidades religiosas católicas a fim de resolver a questão do

analfabetismo. Propunha também o incentivo de verbas públicas nas redes privadas, ascendendo o debate sobre o público e o privado na educação escolar.

No fim da década de 1950 surgem novos manifestos liderados por intelectuais ligados à Universidade de São Paulo (USP) que defendiam a educação pública de caráter laico, estatal e escolanovista. Neste contexto, após alguns substitutivos de Lacerda a LDB 4024 foi aprovada em 20 de dezembro de 1961 trazendo aspectos conservadores ao garantir subsídios do Estado à rede privada em troca de bolsas para alunos carentes. Mas de fato esta atitude tomada pelo Estado só dificultou o acesso da população à educação escolar, pois as escolas tinham entre os métodos “disciplinares” de formação do “corpo e da alma” o exercício ao culto da religiosidade católica e a permanência dos estudantes em tempo integral na escola sendo que a maioria deles precisava trabalhar para contribuir no sustento da família.

Para Hilsdorf (2003, p. 112) os deputados paulistas agiram como agentes democratizadores⁷ da educação, pois votavam pelo aumento do número de escolas públicas e também por Escolas Normais⁸ a todas as regiões do estado, tanto para incentivar o desenvolvimento da educação e promover a ascensão social como para garantir votos.

O populismo⁹ se torna freqüente no período dos anos de 1950, sobretudo na atuação de políticos como Janio Quadros (1917- 1992), Juscelino Kubitschek (1902-1976) e Adhemar de Barros (1901-1969). Os populistas dirigiam-se direto às massas, ignorando a estrutura do Estado, pois apelavam para o apoio popular no sentido de introduzir e desenvolver políticas moralistas.

Em 1959 mais uma vez os intelectuais da educação são convocados e escrevem o Manifesto ao povo e ao governo, dando sequência, complementando e atualizando o Manifesto de 1932. Desta feita apresentavam certa preocupação em apontar continuidades e descontinuidades entre os dois.

Provocavam o governo ao objetivarem formar a consciência da população sobre a importância da educação de qualidade. Defendiam sobre tudo a idéia de que o Estado deveria assumir essa responsabilidade, pois a escola privada não daria conta de atender a todos. Neste contexto os profissionais da educação relacionam o Manifesto de 1932 com o primeiro projeto de LDB e concluem que não é progressista e sim reacionário. A história não avança na ordem, mas essa era a pretensão deles, defender um processo histórico dentro de uma determinada organização.

De 1946 a aproximadamente a sociedade brasileira consciente da exploração que vinha passando, principalmente os trabalhadores reivindicavam melhores condições de vida e especialmente acesso á escola pública, laica, gratuita e de qualidade. A resposta do Estado a tais reivindicações foi a ditadura militar que investiu pesado na disciplina para conter as formas de reivindicação e resistência do povo brasileiro. Com o processo de abertura política, a LDB recomenda que a escola se organize admitindo que a progressão por serie fosse automática, sem retenção por nota ou freqüência.

No campo educacional a ditadura refletia o discurso liberal de melhoria do capital humano para enfrentar as exigências da sociedade moderna. A Teoria do Capital Humano, de origem norte-americana se desenvolveu aqui no Brasil ao longo da década de 1960, concretizada, sobretudo por meio do acordo MEC-USAID que pretendia diagnosticar e resolver os problemas da educação brasileira.

As reformas educacionais do período de 1968 à 1971 substituem o caráter liberal da LDB 4024/61 para o tecnicismo das reformas de 1968 e 1971, proporcionando uma educação pautada na técnica que favoreceu em grande medida a educação privada.

Em relação aos aspectos econômicos, as décadas de 1980 e 1990 foram consideradas Romualdo P. Oliveira (1990) as décadas perdidas, pois não proporcionou crescimento econômico nem o controle da inflação, gerando uma grave crise social. Neste contexto, as medidas políticas foram adotadas a fim de corrigir a evasão escolar, os altos índices de repetência, com a adoção do Ciclo Básico em São Paulo e a Escola Integral no Rio de Janeiro durante os anos 1980.¹⁰

1.3 NA SOCIEDADE PÓS MODERNA QUAL A ESCOLA?

A escola brasileira da atualidade tem sua gênese no bojo de uma discussão de anos atrás, pois tanto a Constituição de 1988 quanto a LDBEN 9394/96 teve longa tramitação no Congresso Nacional e começou a ser posta em prática recentemente.

Hoje “desenvolvemos” a ação de educar com o intuito de formar o cidadão capaz de ser reflexivo e crítico sobre os acontecimentos que permeiam sua vida social.

Neste sentido, ao elaborarmos o texto deste primeiro capítulo refletimos sobre as transformações na área educacional ocorridas no decorrer da história da sociedade brasileira. Esta análise nos permitiu detectar que a educação sempre esteve atrelada a movimentos políticos que de certa forma a utilizaram como meio de moldar a sociedade para atender determinada ideologia.

Percebemos que em cada período histórico, de acordo com o propósito estabelecido organizavam-se métodos disciplinares para o controle do corpo, da mente e das emoções a fim de “adestrar” os estudantes que eram e ainda são submetidos a avaliações que reduzem a atividade educativa a um ato mecânico de memorização dos conhecimentos científicos.

A disciplina escolar também pode ser vista como o processo através do qual conhecimentos científicos (chamados de conteúdos escolares) são organizados nos currículos de maneira que passa a controlar também o intelectual.

Observamos nesta lógica que o estado brasileiro e as lideranças que governaram nosso país utilizaram e ainda utilizam a educação e mais especificamente a escola como espaço de difusão e manipulação de seus ideais. O resultado deste processo é a formação de pessoas alienadas e submissas à autoridade vigente. Contudo, os diferentes processos de resistências podem ser concebidos como indisciplina, ou mesmo violência.

A educação escolar brasileira passou por grandes avanços, mas também retrocessos. O pensamento gerador que permeou muitos governos no decorrer da história deixou clara uma concepção de educação manipuladora e centralizadora e é por isso que embora tenha havido transformações, muitos problemas ainda persistem.

Este processo teve início no passado, mas ainda está em andamento, afinal de acordo com o que vimos até hoje, a educação não é estática, está sempre no movimento do contexto que a envolve.

CAPÍTULO 2

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, á escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Paulo Freire, 1996.

A escola é a instituição legitimada como o espaço educativo que tem como pressuposto desenvolver as potencialidades humanas, a apropriação crítica do saber elaborado e a capacitação para a participação ativa na construção democrática da sociedade.

No entanto, observamos que a escola pública brasileira enfrenta muitos desafios para cumprir sua função, dentre eles o problema da falta de recursos materiais e humanos, os baixos salários e a violência, que de certa forma são fatores que contribuem para desmotivar e dificultar o trabalho dos educadores. Observamos também que há um crescente número de estudantes repetentes, fora da escola ou que não conseguem concluir a formação escolar básica.

Ao analisar a organização da escola, Fleuri (2008, p. 9) afirma que “o gritante processo de evasão escolar e o acentuado caráter autoritário da escola esvaziam sua função social e educativa”. Já para Saviani (2005) existe na dinâmica escolar uma preocupação exacerbada com conhecimentos (conteúdos ou temas) que priorizam de forma excludente, ou somente a cultura popular, ou somente a cultura considerada “clássica”.

Observamos que não se tem definido o que é essencial para alcançar o objetivo proposto para a formação do indivíduo, pois muitas vezes os conhecimentos e saberes ensinados na escola se desvinculam da realidade vivenciada pelos estudantes. Esta situação provoca desinteresse, não aprendizagem e muitas vezes comportamentos considerados como indisciplina.

Na análise de Freire (1996), existem profissionais da educação que acreditam que o ato de ensinar consiste em “transferir conhecimentos” que implica na indução do estudante ao comportamento submisso e mecanizado, caracterizado como aquilo que costumamos chamar de comportamento “disciplinado”. Na perspectiva de Fleuri (2008) esta prática educativa acaba formando para a sujeição.

Questionamos, portanto por que a escola não tem conseguido cumprir o propósito para o qual foi pensada. Questionamos também qual a relação desta realidade com os processos de disciplina e com os comportamentos considerados como indisciplina, desenvolvidos no contexto escolar. Ao considerarmos estes questionamentos, objetivamos neste segundo capítulo conhecer os pressupostos da Educação Intercultural que permitem caracterizar a organização e a cultura escolares.

2.1 SOBRE EDUCAÇÃOES

De acordo com o (WINCH, 2007) a palavra educação é a derivação de duas palavras em Latim *educere*, que significa “conduzir” ou ainda “treinar” e *educare*. A palavra educação possui o significado subjetivo, mas intencionalidade quem determina é o professor conduzir a aprender ou treinar para memorizar.

A educação não se encontra apenas no âmbito escolar, pois conforme afirma Brandão (1988, p.9) “Não há uma forma nem um único modelo de educação”. A pessoas aprendem em todo lugar e de várias formas, com os meios de comunicação, com a família, na igreja, no grupo de amigos. Esta modalidade de educação é chamada de informal, pois acontece no cotidiano das pessoas.

Além da educação informal, Gohn (2008) identifica mais duas modalidades de educação que são a formal e a não formal. A educação não formal é aquela desenvolvida em espaços alternativos, voltados para a socialização e o desenvolvimentos da cidadania. Preocupa-se em ensinar os conhecimentos através de temas flexíveis e coerentes com as necessidades das pessoas as quais se destina. Já a educação formal é aquela que é desenvolvida nas escolas e objetiva ensinar os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

2.2 SOBRE DISCIPLINAS

De acordo com o dicionário de filosofia “disciplina” “significa a observância de preceitos ou normas e a submissão a um regulamento ou algum tipo de ordem”, ou ainda conteúdos dispostos no currículo escolar.

Em estudos realizados Chervel (1990 apud SAVIANI, 2006, p. 38) constata-se que, até meados do século XIX a expressão *disciplina escolar* aparece tão-somente no sentido de “vigilância”, de repressão das condutas prejudiciais à boa ordem dos estabelecimentos. É apenas na segunda metade deste mesmo século que o termo disciplina passa a ser atribuído aos conhecimentos escolares (chamados de conteúdos de ensino).

Mesmo obtendo um desígnio desvinculado da idéia de “controle do corpo”, o termo disciplina está e sempre esteve presente no ambiente escolar, podendo ser identificada como as “regras” ou “contratos” que são estabelecidos entre educadores e estudantes em sala de aula, ou como as normas gerais que são criadas pela equipe pedagógica para o estabelecimento de uma “organização” ou ainda para “propiciar” uma educação e formação “moral”.

No entanto o que observamos é que na maioria das escolas estas regras são pensadas e realizadas de modo impositivo, conforme afirma Fleuri (2008, p. 99):

[...] no ambiente de uma instituição disciplinar, as tentativas de mediações tendem a ser esvaziadas e enrijecidas em formas de controle classificatório que segmentam, individualizam e hierarquizam as relações humanas, favorecendo o desenvolvimento de relações de sujeição dominação.

Para Fleuri (2008) a disciplina faz parte e deve estar presente no espaço escolar, mas não de modo impositivo, mas visando constituir relações de “reciprocidade”, ou seja, buscando superar a hierarquização e fragmentação no trabalho pedagógico desenvolvido, instituindo a organização e a constituição de um trabalho pedagógico democrático nas relações disciplinares que se estabelecem no ambiente escolar, visando por meio do trabalho coletivo e mediador propiciar o desenvolvendo de uma educação comprometida com a criticidade, a criatividade, a participação coletividade no sentido democrático, a autonomia e a reflexão sobre os

acontecimentos sociais vigentes, principalmente aquele que tem relação com a organização da escola e com os processos disciplinares.

2.3 SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR

Ao analisarmos as diferentes sociedades dos diferentes povos percebemos que a educação escolar é organizada de acordo com os costumes, valores e objetivos de cada sociedade respectivamente. Mesmo as escolas de nosso país possuem diferenças que são pertinentes a cada contexto sócio-histórico.

Por isso, mesmo nas suas diferenças, as escolas têm uma “intencionalidade” que é determinada pelo contexto social e pelo tempo histórico no sentido de promover a formação do sujeito enquanto cidadão, mas sobretudo a formação para o trabalho, conforme afirma Brandão (1988, p. 84).

A educação é hoje considerada como um fator de mudanças, um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social com vistas de garantir a evolução econômica e a evolução social e dar continuidade à mudança no sentido desejado.

A educação escolar é uma prática humana articulada com a prática pedagógica que segundo Luckesi (1994, p. 21) “nada mais é que uma concepção filosófica de educação”. Para ele a filosofia liberal que inspira a organização das escolas no mundo ocidental surge na defesa do sistema capitalista, pois somente com a valorização dos interesses individuais da sociedade, e mais especificamente a implantação da denominada “*sociedade de classes*”.

A sociedade e respectivamente a escola apesar de no plano do discurso se dizer democrático, na sua essência defendem uma pedagogia liberal que se sustenta no ideal estabelecido pelo capitalismo no sentido apontado por Luckesi (1994, p. 55).

[...] preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais, por isso os indivíduos precisam aprender a se adaptar aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes através do desenvolvimento da cultura individual.

O que evidenciamos é uma grande contradição pois o ideal liberal que inspira a organização e a cultura da escola ocidental parece propor a disseminação da “igualdade de oportunidades”, mas na realidade não leva em consideração ou ainda esconde a desigualdade de condições de vida existentes na sociedade que se organiza de acordo com a lógica capitalista.

Algumas manifestações chamadas de indisciplina têm razão de ser em causas que são internas e/ou externas à escola. Entender este processo implica, sobretudo em entender quais os sentido da disciplina tão falada e exigida na escola.

Para Fleuri (2008, p. 10) “devido a atrativos ou impedimentos que encontram em seu contexto social”, os estudantes abandonam a escola ou apresentam comportamentos considerados inadequados ao ambiente escolar.

Em geral os estudantes não encontram nesse espaço o que “esperam ou precisam”. Evidenciamos principalmente o confronto cultural, ou seja, o embate entre a cultura escolar e a cultura dos estudantes que a procuram.

Fleuri (2008 apud FOCAULT, 1990) diz que à princípio as “disciplinas” eram métodos que permitiam o controle minucioso do corpo. A organização escolar permitia que os profissionais da escola, mais especificamente os educadores controlassem as ações exercidas pelos estudantes. Isto era e ainda é possível por meio de atividades planejadas e propostas que usavam recursos repreensivos como vigilância, sanção e exames.

Observamos que historicamente a escola passou por diferentes transformações, principalmente aquelas relacionadas à compreensão teórico-metodológica do processo de educar, ensinar, aprender, conhecer e organizar a prática pedagógica. Tivemos contribuições teóricas significativas, no entanto ainda permanece a constituição de uma cultura escolar fundamentada em um modelo “disciplinador”.

Na análise de Fleuri (2008, p. 48) podemos identificar nas práticas escolares “correlações de forças que, simultaneamente, sustentam e minam os mecanismos de controle”. Se por um lado temos os processos disciplinares para manter a ordem da escola, por outro temos os processo de resistência que de alguma forma conseguem subverter a lógica da organização escolar.

Os mecanismos disciplinadores podem ser identificados na estrutura física, como a subdivisão das salas, dos corredores e pátios, que além de permitir uma

vigilância constante permite também a identificação de uma hierarquia entre educadores, estudantes e funcionários.

Nas salas de aula percebemos a disposição das carteiras, mas especificamente o mapeamento feito pelos pedagogos e educadores no início do ano: “a ordenação por fileiras reparte e classifica os indivíduos num “quadro vivo”, tornando possível o controle da atividade de cada estudante, assim como do trabalho simultâneo de todos” (FLEURI, 2008, p. 31).

De um modo geral a organização do trabalho pedagógico conta com o controle das atividades em horários de aulas e intervalo, assim como a imposição de seguir apostilas, livros didáticos em prazos estabelecidos, controlar frequência, elaborar provas, questionário e trabalhos.

Na perspectiva de Fleuri (2008, p. 33), a “setorização do espaço” assim como o condicionamento de horários e prazos a serem cumpridos pelos profissionais, além de limitar a possibilidade de que a relação entre as pessoas aconteça de forma espontânea e recíproca, submete os estudantes à “memorização de conteúdos”, ao “condicionamento de ter que dar determinadas respostas a um conjunto de estímulos codificados”.

A perpetuação do modo disciplinar e autoritário dos profissionais de nossas escolas é conseqüência de “um costume quase que espontâneo que por vezes se torna regra”. Por outro lado temos os estudantes que recebem e adotam atitudes arbitrárias seja de submissão ou de rebeldia que é também designado por vários educadores como “indisciplina”.

Para Fleuri (2008), os comportamentos dos estudantes que são caracterizados como rebeldia ou indisciplina e que transgride as ordens impostas não é algo que surgiu atualmente, mas que pode ser observada na trajetória da história da educação, na história da organização escolar. Na Grécia e em Roma, por exemplo, quando o ensino era ministrado para escravos utilizavam-se chicotes e varas para castigar a não aprendizagem ou qualquer comportamento que significasse insubmissão. Com frequência nas “aulas”, os discípulos revidavam, em muitos casos, espancando e até mesmo matando seus mestres.

As escolas públicas de nosso país, pelo menos de acordo com determinações dos Parâmetros Curriculares, seguem a filosofia da Tendência Pedagógica Crítico-social dos Conteúdos, que tem como objetivo propor modelos de

ensino voltados para a interação dos conteúdos escolares com as diferentes realidades sociais vivenciadas pelos estudantes.

Na prática, de fato a escola tenta cumprir seu objetivo, mas empregando métodos que fogem da proposta de formação de um indivíduo atuante, crítico, reflexivo que se posiciona e acompanha os acontecimentos e transformações da sociedade que está inserido. A escola utiliza, muitas vezes, métodos repressivos, sanções e punições para manter a “ordem” e a “frequência”, submetendo assim os estudantes ao exercício disciplinar. Para Fleuri (2008) este processo capitaliza e classifica as energias do indivíduo de modo a se tornarem utilizáveis e controláveis, o que necessariamente não garante aprendizagem significativa dos saberes escolares.

Ao considerarmos esta perspectiva, observamos que os processos de disciplina escolar, assim como os comportamentos considerados como “indisciplinados” precisam ser estudados, analisados e revistos. Não somente pelos educadores em sala de aula, mas por toda a equipe pedagógica, bem como a sociedade, inclusive estudantes e pais.

Considerando que o processo educativo é um processo de interação que envolve diferentes sujeitos, podemos inferir que alguns dos comportamentos considerados por muitos profissionais como “rebeldia”, podem ser manifestações de que algo no trabalho pedagógico desenvolvido pode estar precisando de revisão.

A equipe pedagógica, e mais especificamente o educador precisam conhecer a cultura e identidade dos diferentes estudantes que está recebendo em sala de aula, como contexto sócio-econômico, familiar, dificuldades, limitações e possibilidades. Este é o ponto de partida para poder realizar um trabalho significativo que seja ressonante na vida do estudante.

Em seu livro “Ação cultural para a liberdade” Freire (1981, p. 9) afirma que “estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica e sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando”, mas por ser um ato que exige dos alunos dedicação não significa que não possa ser prazeroso.

A educação sempre esteve atrelada a vida do indivíduo, pois está em todos os lugares, mas é na escola que a educação possui uma intencionalidade. Os estudantes por si só, são curiosos e buscam descobrir o mundo ao seu redor. Caber a nós educadores instigar cada vez mais esta curiosidade mediando esta busca,

para que os estudantes transformem estas descobertas em aprendizagem, e acima de tudo possam ir à escola por prazer, conforme afirma Fleuri (2008) não por “obrigação” para não serem “reprovados por faltas”, mas por observar que a escola é um espaço de “descobertas”.

Para tanto, são necessárias reflexão e organização do pedagógico a ser desenvolvido no sentido democrático e coletivo, possibilitando a participação da família e da comunidade na formação dos estudantes.

2.4 A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Segundo Candau¹¹ (2000), o sistema público de ensino do nosso país apesar de garantir no texto da lei o acesso e à educação como “um direito de todos”, na prática está longe de propiciar a democratização efetiva do direito à educação, pois o que observamos em nossas escolas é a criação e desenvolvimento de uma cultura padronizada, pouco dinâmica e que possui procedimentos metodológicos, de “transferência de conhecimentos”. Para esta autora, o discurso oficial hoje apresenta a educação como a grande responsável pela modernização das sociedades, mas ainda podemos encontrar em algumas regiões de nosso país altos índices de analfabetismo, evasão, repetência e desigualdades.

Podemos analisar que atualmente a escola não é um espaço exclusivo de acesso ao conhecimento, pois com o avanço da tecnologia e sua presença cada vez mais afetiva no cotidiano das pessoas as informações e conhecimentos podem ser encontrados em diferentes fontes. No entanto a escola ainda persiste em desenvolver seu trabalho engessado no livro didático e acreditando na padronização dos estudantes, na concepção de que “todos são iguais”. Esta realidade permite o crescente desinteresse dos estudantes em aprender e ainda em participar e valorizar este espaço de formação.

Para Candau (2000) a dinâmica cristalizada na cultura escolar apresenta uma enorme dificuldade de incorporar os avanços tecnológicos, as diferentes formas de aquisição de conhecimentos, as diversas linguagens e expressões culturais e as novas sensibilidades presentes de modo especial nas novas gerações e nos diferentes grupos sociais.

A escola é um lugar de diversidade humana, epistemológica, e cultural por isso ela pode e precisa ser “reinventada”, no sentido de rever conhecimentos e saberes a serem ensinados e de instigar nos estudantes o gosto em aprender. Trabalhar nesta perspectiva implica em aproveitar o encontro entre diferentes culturais, no sentido de utilizar os diferentes saberes estimulando os alunos a vivenciarem e reconhecerem em seu cotidiano o desenvolvimento e a promoção de relações dialógicas e igualitárias em defesa principalmente das formas de discriminação e desigualdade social.

Segundo Fleuri (2008) a educação intercultural, permite superar os mecanismos de disciplinares de sujeição, instituindo relações de autonomia e solidariedade em frente aos problemas do cotidiano escolar, está proposta permite;

Reconhecer que cada um, enquanto sujeito, é portador de uma cultura, em uma história a contar, desejos e afetos exprimir; rejeitar uma pedagogia autoritária, de posições rígidas não construídas junto com o outro; escolher uma pedagogia do sujeito baseada no reconhecimento da relação como o lugar do educador. (FLEURI, 2008, p. 98).

A organização da escola como espaço democrático implica na necessidade de que as pessoas que a integram possam percebê-la como espaço de conflitos, de encontro entre diferentes culturas e, sobretudo como um espaço de possibilidades. O desenvolvimento do trabalho pedagógico deve prima por uma educação que atenda os interesses do contexto da escola e também do contexto social em que esta está inserida. Para tanto precisa definir objetivos que possibilitem o questionamento e a definição de que de ser humano se quer formar.

De acordo com Rodriguês (1996) essas ações permitem que a cultura popular possa também fazer parte dos conhecimentos e saberes desenvolvidos e ensinados nas escolas, de um modo que partindo do conhecimento da cultural dos estudantes possamos todos, estudantes e comunidade ampliar e transformar nossa visão.

Nesta perspectiva, a escola como agência responsável por ensinar os conhecimentos científicos se transforma em um contexto que conduza os estudantes por meio da pesquisa e debates a ampliar e valorizar os saberes e conhecimentos da sua própria cultura e do grupo social a que pertence.

Observamos nas escolas a presença de uma ação que é o contraponto entre a democracia e o “autoritarismo”, quando a escola, na pessoa de pedagogos e educadores não promove, e às vezes até impede a participação da comunidade nas decisões da escola, conforme relata Rodrigues (1996, p.53) “os professores são autoritários na forma de imposição dos programas e na forma de avaliação dos alunos”.

Na análise de Rodrigues (1996) esse autoritarismo foi difundido nas escolas mediante a participação das elites e do estado brasileiro na propagação de seus interesses por meio da educação escolar. A perspectiva intercultural se sustenta no diálogo entre diferentes a fim de que a escola cumpra seu papel social ensinando aos estudantes que mais precisam dela os conhecimentos que são um bem cultural da humanidade. Uma escola na perspectiva intercultural é aquela que promove a democracia quando reconhece o conflito e trabalha para superá-lo e onde o trabalho pedagógico é construído e desenvolvido no coletivo.

CAPÍTULO 3

DISCIPLINAR ESCOLAR NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nas condições de uma verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Paulo Freire, 1996.

A função da escola é ensinar os conhecimentos necessários para a formação do ser humano, para o exercício da cidadania e para a preparação para o trabalho. No entanto, conforme relata Fleuri (2008, p. 10) “ao invés de promover a apropriação do saber elaborado pela humanidade, ou capacitar as pessoas para desenvolver as diferentes culturas que perpassam as comunidades”, reduzem os estudantes a um comportamento submisso. Da forma como se organiza, a escola acaba por reduzir o trabalho educativo a técnicas de disciplinamento do corpo e da mente, e a sujeição das pessoas, dos grupos e das culturas.

Para Fleuri (2008) alguns fatos da realidade das escolas como comportamentos de violência, autoritarismo, insustentáveis condições de trabalho e evasão escolar, são conseqüências que advêm da própria organização estrutural da prática escolar.

Ao considerarmos esta perspectiva, pretendemos neste terceiro capítulo analisar as implicações da disciplina no contexto escolar, no sentido de identificar estratégias de ação do pedagogo que podem colaborar para o enfrentamento das questões em torno desta temática.

3.1 O CONTEXTO ESCOLAR

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola municipal de Londrina no Paraná. A escola possui um espaço físico adequado e tem disponibiliza vários recursos, porém suas salas são numerosas comportam um número grande de alunos por sala.

Escolhemos esta escola pelo fato de termos feito o estágio obrigatório de docência neste local o que permitiu compreender e vivenciar o trabalho do pedagogo neste contexto. Considerando esta condição, caracterizamos nossa pesquisa como participante, pois à medida que observávamos a realidade da escolar, também interferíamos nesta, provocando mudanças tanto na realidade quanto na nossa própria formação profissional. Os dados foram anotados em diário de campo e coletados por meio de observação direta, entrevistas, questionário e principalmente quando desenvolvemos as atividades de intervenção do estágio.

A princípio encontramos resistência por parte da pedagoga que argumentava: “os professores não têm tempo para responder questionários e os alunos não têm maturidade e muito menos vontade para participar desta pesquisa”. Para romper tal resistência, entramos em contato com a diretora da escola, que preocupada em entender e resolver as questões de indisciplina da escola permitiu que fizéssemos a pesquisa e até pediu para ver os resultados.

Aplicamos os questionários para estudantes da 3ª série e 4ª série do ensino fundamental, contribuíram para a pesquisa num total de 48 alunos entre 8 a 10 anos de idade e educadores, que foram respondidos individualmente e sem interferência do pesquisador. De acordo com as respostas procuramos observar mais atentamente determinadas questões tanto em relação aos estudantes, quanto em relação às educadoras, o que permitiu em muitas situações intervirmos.

De acordo com Fleuri (2008) a educação e mais especificamente a escola sendo sua difusora, tem como objetivo desenvolver as potencialidades humanas, como criatividade, criticidade, solidariedade entre outras, assim como a apropriação ativa na construção democrática da sociedade. No entanto, constatamos que esta escola está distante desta proposta de educação.

Presenciamos uma prática educativa autoritária de cunho tradicionalista, focada na memorização dos conhecimentos e temas propostos no livro didático. Depois das aulas expositivas os estudantes fazem os exercícios do livro. As disciplinas apesar de serem ministradas pela mesma educadora, são ensinadas separadamente, sem nenhuma vinculação com os temas e conhecimentos uma das outras. Ou seja, não há interdisciplinaridade, e estes mesmos temas, na maioria das vezes não tem significado alguma para os estudantes, apenas cumpre a função de serem os temas que vão ser cobrados na prova.

Infelizmente este modelo está presente não somente nesta escola, mas é a realidade de muitas escolas do nosso país. Em sala de aula, e até mesmo na relação entre a equipe pedagógica, notamos que a organização da escola, e das suas ações educativas pautam-se no “poder disciplinar”.

Segundo Fleuri (2008) este poder submete a todos a um controle através do “esquadrinhamento” do espaço, do tempo e do movimento. A organização e o desenvolvimento do trabalho pedagógico são feitos de forma a respeitar uma hierarquização, onde cada profissional tem sua função específica.

Nas salas de aula a relação dos educadores com os estudantes é estabelecida pelo cumprimento de “regras”, que se não forem cumpridas podem gerar “punições” como suspensão, diminuição da nota, constrangimentos morais entre outros.

3.2 A PERSPECTIVA DOS EDUCADORAS

Esta escola possui seis educadoras que atendem estudantes de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental no período matutino. Participaram desta pesquisa quatro educadoras, todas formadas no curso de pedagogia e que lecionam no Ensino Fundamental a mais ou menos vinte quatro anos.

Presenciamos durante este período de estágio uma organização escolar e disciplinar autoritária, partindo da posição de alguns educadores o que confirmou o nosso interesse pela temática de pesquisa.

Questionamos as educadoras quanto à **metodologia utilizada** em sala de aula e estas responderam que era o “construtivismo”, pois era a adotada pelo município conforme afirma enfaticamente a educadora MC: “*Metodologia adotada pela prefeitura do Município de Londrina*”. No entanto algumas argumentaram que além de ser a oficial usavam esta metodologia porque era a mais apropriada para ensinar os conhecimentos de forma participativa:

Segue a proposta pedagógica do trabalho contextualizado (construtivismo, pós-construtivismo), e se necessário o tradicional (MJA, 2010).

Construtivista, porque dá maior ênfase na construção do conhecimento (LET, 2010).

Construtivista porque permite o aprendizado participativo de “mão dupla” onde ensino e também aprendo com os alunos (MCS, 2010)

Em nossas observações constatamos que os procedimentos metodológicos utilizados pelas educadoras não referendam uma abordagem construtivista, mas tradicional devido ao fato dos estudantes estarem limitados a copiar o tema ensinado do quadro e resolver os exercícios após as explicações. Também porque desenvolvem atividade de memorização que deverão ser cobradas como tema de prova.

De acordo com Fleuri (2008, p. 33) a organização da escola e mais especificamente as ações do educador em sala de aula “tendem muitas vezes reduzir a diferentes formas de criatividade pessoal e coletiva a *exercícios e táticas*, submetendo-a a programas e eventos”. Os programas curriculares e extracurriculares são construídos e desenvolvidos dividindo a duração de períodos com fins específicos; organizados em seqüência com sucessão de elementos simples e graus de complexidade e por fim para observar se foi possível alcançar os objetivos propostos é realizada que classificam os estudantes em categorias. Portanto para cumprir o programa dos conteúdos propostos é muito mais eficiente e produtivo adotar a metodologia tradicional, pois tendem a garantir a implementação dos objetivos definidos.

Questionamos também dentro desta perspectiva metodológica **como as educadoras sabem se os estudantes estão aprendendo** e todas relataram que reconhecem o aprendizado mediante a observação das atividades realizadas pelos estudantes.

Ainda nesta perspectiva questionamos também **quais os fatores que ajudam ou atrapalham a aprendizagem dos estudantes**. No geral elas responderam que são muitos e diferentes os fatores conforme depoimentos a seguir:

O prazer naquilo que faço, o apoio da direção e supervisão da escola, o entrosamento com os alunos, trabalho em grupo que facilita o companheirismo a solidariedade e aprendizagem, a participação da maioria dos pais, a troca de experiências e planejamento conjunto com a outra colega de turma. (MCS, educadora da 3ª série)

Pais ausentes e indisciplina. (MJA, educadora da 2ª série)

O interesse dos alunos pela própria educação, assim como a participação dos pais. O que atrapalha entre outra e a indisciplina e o desinteresse de alunos e dos pais. (MC, educadora da 4ª série).

Estrutura e apoio familiar é de grande importância para o desenvolvimento na aprendizagem dos alunos. (LET, educadora da 3ª série).

Os depoimentos revelam que as dificuldades encontradas para aprender são atribuídas a diferentes fatores como a própria motivação da educadora ao fazer as coisas com prazer, ao apoio da equipe de gestão pedagógica, aos próprios estudantes quando estes desenvolvem comportamentos de indisciplina e desinteresse pelos conhecimentos escolares e também a família que na concepção das educadoras é ausente e não se interessam pelo desempenho escolar de seus filhos.

No entanto, nas nossas observações constatam que não se trata de estudantes que não possuem limite ou são “mau educado”, mas sim de manifestação de querer participar da aula ou de não querer participar.

De acordo com Fleuri (2008, p. 37) “o sistema de exames na escola combina a vigilância hierárquica com a sanção normalizadora”, ou seja, a avaliação é um instrumento que permite ao professor saber quais os conceitos foram assimilados pelo estudantes e rever conceitos e ações que precisam ser modificados em sua prática mediante os resultados obtidos, ou ainda como foi observado durante a pesquisa de campo a avaliação sendo submetida de poder, onde coíbem o comportamento dos estudantes mediante a administração de sanções que culminam em aprovação ou reprovação.

Questionamos também as educadoras quanto à **dificuldade para ensinar**. No geral os relatos mostram o que deve ser melhorado na escola não é a

acessibilidade ou ainda os recursos tecnológicos, mas sim os recursos humanos segue os relatos:

A maior dificuldade está em não ter constantemente uma pessoa auxiliar para dar mais atenção aos alunos com dificuldades, pois a turma é numerosa (35 alunos). Quanto aos materiais didáticos e recursos tecnológicos a escola dispõe. (MCS educadora da 3ª série)

Em se tratando do segundo ano, hoje ainda existe 1 aluno não alfabetizado, sendo necessário um trabalho diferenciado e atenção exclusiva. (MJA educadora da 2ª série)

Minha escola procura manter em ordem os materiais necessários para as aulas, porém sendo uma escola pública mantida pela Prefeitura, algumas coisas precisam ser melhoradas e que acabam se esbarrando em burocracia. Penso que era preciso uma professora – auxiliar em sala de aula, para apoio aos alunos e no que preciso para um bom andamento das aulas. (MC educadora da 4ª série)

Todas as dificuldades encontradas devem ser encaradas como desafios a serem vencidos. (LET educadora da 3ª série)

Os depoimentos das educadoras nos apontam apenas um vertente dos problemas enfrentados pelas escolas em nosso país, pois atualmente nos deparamos com diversos problemas como; com baixos salários, o processo de evasão escolar, falta de recursos materiais e humanos. E são estes problemas que de certa forma influenciam na educação escolar, pois os baixos salários e as condições de trabalho que educadores são submetidos desvalorizam, desmotivam e dificultam a atuação dos mesmos.

Questionamos as educadoras também **o que mais gostam na escola e no trabalho que você desenvolve:**

Gosto dos alunos, de ensinar, dos meus colegas de trabalho. Sinto-me muito bem e orgulhosa por estar aqui. (MCS 3ª serie)

Gosto de tudo, da direção, supervisão, equipe de trabalho e de tudo o que faço. (MJA educadora da 2ª série)

Não respondeu (MC educadora da 4ª série)

Ensinar e aprender. (LET educadora da 3ª série)

Os depoimentos revelam que as educadoras atribuem o gosto pelo trabalho desenvolvido ao exercício da profissão e pelo relacionamento com a equipe de trabalho.

No entanto os depoimentos não condizem com a realidade observada, uma das professoras depois de responder o questionário destacou que não foi sincera em suas respostas omitindo até alguns dados, devido ao fato de achar que a direção e supervisão iriam verificar as respostas.

De acordo com Fleuri (2008) são as relações de trabalho no ambiente escolar somados aos problemas externos políticos, econômicos e sociais, podem contribuir para uma organização estrutural da prática pedagógica que influencie a reprodução da violência, autoritarismo e evasão escolar.

Outro questionamento realizado as educadoras foi referente **quanto à concepção de indisciplina:**

Indisciplina para mim é falta de respeito às regras estabelecidas pela turma porque às vezes a turma está conversando muito, mas é sobre o trabalho que estão desenvolvendo, isto não é indisciplina. (MCA educadora da 3ª série)

Falta de limites e tratamento específico (MJA educadora da 2ª série)

Como já dito é a falta de interesse, falta de valorização dos estudos. E não ter noção o que se aprende na escola é para a toda a vida e vai ser cobrado do aluno/pessoa no futuro. (MC educadora da 4ª série)

O mau comportamento em sala de aula que acaba prejudicando os outros alunos. (LET educadora da 3ª série)

De acordo com os depoimentos das educadoras ações indisciplinadas, são manifestações controversas dos estudantes as normas impostas em sala de aula, ou ainda proveniente da falta de limites atribuídas à má educação familiar. Está claro que as educadoras atribuem as ações indisciplinadas ao estudante e não ao trabalho pedagógico desenvolvido na escola ou ainda a metodologia empregada pelo educador em sala de aula.

De acordo com Fleuri (2008) a indisciplina podem ser também manifestações dos estudantes que defendem uma luta constante por articular, criatividade e prazer, interesses pessoais e coletivos negados pelo sistema escolar.

E por fim o questionamos as **suas possíveis causas** as respostas foram:

Metodologia utilizada em sala, problemas de déficit de atenção e defasagem de conteúdos. (MCA educadora da 3ª série)

Doenças neurológicas e/ou psicológicas e educação falta de limites por parte da família. (MJA educadora da 2ª série)

Falta de interesse da própria criança, falta de estímulo dos pais que muitas vezes são ausentes em relação ao filho na escola. (MC educadora da 4ª série)

Ausência de limites falta de interesse, de conhecimento, carecia afetiva, imaturidade, distúrbios relacionados atenção entre outros. (LET educadora da 3ª série)

Pelas respostas destas educadoras podemos constatar que as manifestações de indisciplinares são causadas por diversos fatores, entre elas o próprio estudante. São atribuídas também a doenças, falta de limites, participação da família na educação que são inerentes aos próprios estudantes. Em nenhum dos depoimentos constatamos uma reflexão sobre o fazer docente, a organização da escola, ou mesmo a estrutura social mais ampla.

Contudo a pesquisa nos levou a compreender que a educação e organização escolar são estruturadas mediante a imposição de mecanismo disciplinadores autoritaristas, como afirma Fleuri (2008, p. 48):

Tal compreensão nos dá elementos pra entender que o poder disciplinar, identificado nas práticas escolares resulta de correlações de força que, simultaneamente, sustentam e minam os mecanismos de controle.

No entanto é necessário assim como existem as leis para reger um país, uma organização disciplinar nas ações pedagógicas não de um modo autoritário, mas que promovam uma educação como relata Fleuri (2008) que desenvolva as potencialidades humanas, apropriação crítica do saber elaborado e a capacitação para a participação ativa na construção da sociedade.

3.3 ESTRATÉGIAS DE AÇÕES PEDAGÓGICAS DEMOCRÁTICAS

A educação escolar é um reflexo da organização da sociedade na qual está inserida, da realidade social vigente, por isso a escola foi em muitos governos, utilizada como campo de perpetuação de ideologias.

De acordo com “texto pedagogia na gestão: possibilidades de mediação do currículo”, atualmente a escola tem como proposta o desenvolvimento de um trabalho pedagógico de cunho também político voltado para a defesa de uma educação histórico-crítica. Neste contexto a escola é concebida como mediadora no sentido de apresentar aos estudantes os conhecimentos sistematizados, dando-lhe subsídios necessários para que o mesmo possa ser crítico-reflexivo e atuante sobre as ações que ocorrem em sua sociedade assim como em seus direitos e deveres enquanto cidadão.

O modelo de gestão escolar democrática, como afirma o texto o papel do pedagogo na gestão: possibilidades de mediação do currículo (TANQUES et al., 2010) parece ser no momento, uma alternativa importante e necessária aos desafios vivenciados pelas escolas de hoje.

A gestão chamada de democrática busca através da organização, da participação, planejamento e tomada de decisão permitir a cada profissional realizar suas funções específicas, todavia buscando planejar e desenvolver o trabalho pedagógico de forma coletiva.

Este processo pode ser efetivado por meio do Projeto Político Pedagógico que é a “identidade de uma instituição coletiva” (texto o papel do pedagogo na gestão: possibilidades de mediação do currículo) (TANQUES et al., 2010). Este documento é norteador das ações da escola tendo como articulador do trabalho pedagógico, tanto os diferentes educadores quanto principalmente o pedagogo conforme relata Tanques et al. (2010) “articula a concepção de educação da escola às relações e determinações políticas, sociais, culturais e históricas”.

De acordo com Fleuri (2008, p. 93) “os modos de ser construídos nas relações vivas entre as pessoas – que podem se constituir em temas geradores de processos educativos”.

Atualmente, o que observamos no desempenho no trabalho dos educadores o cumprimento de um programa formalizado nos conhecimentos que devem ser

ensinados, desconsiderando o contexto dos estudantes e os desafios vivenciados pelo mesmo.

De acordo com Fleuri (2008) a proposta educativa mais conivente para se propiciar um processo de ensino-aprendizagem significativo para os estudantes em favor de uma “subversão radical do caráter disciplinar e burocrático dos programas e *currículos* disciplinares”, é utilizar os conhecimentos prévios dos estudantes. Transformar os problemas e desafios vivenciados pelos mesmos, como “temas geradores” que devem ser contextualizados e incorporados ao ensinamentos dos conhecimentos escolares.

Tendo em vista o *currículo*, todo o trabalho pedagógico deve ser construído coletivamente e dinamicamente no sentido de se levar em consideração as necessidades e desafios presentes na comunidade, mas para que esta ação de fato possa ser exercida é necessário o comprometimento da equipe pedagógica e mais especificamente do educador, especialmente em observar, ouvir e compreender o estudantes no sentido de confiar em sua capacidade.

Segundo Fleuri (2008, p.89), “para romper com a disciplina imposta”, precisamos construir e exercer um trabalho pedagógico em uma perspectiva não autoritária, mas que propicie estabelecer uma relação dialógica que permita explicitar e trabalhar os interesses vitais da criança, o que implica em educar mediante a troca de experiências.

O mesmo deve ser feitos junto à equipe pedagógica no sentido de construir espaços de “inter-relação” como grupos de estudos e assessorias de discussões, para encaminhamento de questões específicas entre os profissionais, pois conforme afirma Fleuri (2008, p.94) “articulação entre as pessoas que atuam em diferentes setores é indispensável para se enfrentar coerentemente os problemas comuns”.

Como forma de trazer contribuições para a modificação desta realidade e em defesa de uma escola que se faça democrática, trabalhamos na construção e desenvolvimento de um trabalho educativo onde as atividades realizadas tinham como objetivo conduzir os estudantes a aprender os saberes propostos pela escola considerando a sua relação com os conhecimentos e saberes dos estudantes, conduzindo-os por meio da pesquisa e de modo interdisciplinar a refletir sobre os conhecimentos apresentados e o sentido que os mesmos têm na vida.

Durante o tempo em que estivemos nesta escola observamos a predominância de mecanismos disciplinares que proporcionam a setorização, o

isolamento e a hierarquização das atividades e funções, que por sua vez obrigam o educador a utilizar o autoritarismo e os dispositivos disciplinares que se tornam obstáculos para a efetivação de uma proposta intercultural e democrática.

Para o pedagogo que atua na função de gestor ou docente é importante que tenha como proposta educativa a valorização do trabalho coletivo-democrático, e em sala de aula que busque desenvolver um trabalho pedagógico de forma mediadora onde a relação professor-aluno se desenvolve em uma aprendizagem mutua, onde o professor não use do autoritarismo para ensinar ou mecanismos disciplinares punições, sanções, mas sim uma relação “dialógica”, e acima de tudo desenvolva em seus aluno o gosto em aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.

Paulo Freire, 1996.

Nossa proposta neste trabalho de pesquisa consistiu em compreender quais eram os processos disciplinares adotados pela escola em sua organização e quais seriam as contribuições do pedagogo na construção e organização da escola para que esta possa cumprir seu papel.

Objetivamos, portanto caracterizar historicamente a organização da escola brasileira tendo como intuito compreender as manifestações de disciplina ou indisciplina presentes nos diferentes contextos sócio-históricos e que persistem na atualidade. Objetivamos também compreender a relação dos processos disciplinares e das manifestações de indisciplina com a função da escola.

Constatamos que a educação escolar, considerada como um reflexo da organização da sociedade na qual está inserida e da realidade social vigente, é caracterizada como sendo um dos contextos sociais de formação do ser humano. Mais especificamente ela deve cumprir a função de educar os estudantes a fim de que estes possam se apropriar dos conhecimentos científicos a fim de se prepararem para o trabalho, para o exercício da cidadania e para a promoção da vida humana.

No entanto para atingir esse objetivo a escola utiliza de métodos disciplinares, que podem ser observadas desde as características estruturais, as ações da equipe e do professor em sala de aula, ações autoritárias que impedem a efetivação desta proposta além de outros problemas que dizem respeito a fatores externos à escola como questões políticas, econômicas e culturais ligadas à própria estrutura classista da nossa sociedade que tem uma lógica capitalista, pautada em uma cultura dominante e em relações de poder, que muitas vezes subjagam as pessoas ao invés de promovê-las.

Nosso sistema de ensino oferece baixos salários e condições penosas aos profissionais que atuam neste espaço, faltam recursos, materiais didáticos e o

espaço físico nem sempre comporta a demanda de estudantes, visto que as salas de aula têm um número que não permite o trabalho educativo com qualidade, provocando em muitos casos a evasão, a violência, a indisciplina entre outros problemas.

Dentro do ambiente escolar a idéia que se tem é de que as manifestações de indisciplina têm razão de ser nos estudantes, na educação familiar sem limites. Mas o fato é que estas podem estar ligadas à organização da escola, à prática dos educadores e até mesmo a questões referentes à estrutura social vigente.

Fleuri (2008) afirma que os atos disciplinares são manifestações de estudantes que não encontram motivo para permanecer na escola, devido ao fato de que ao vivenciarem processos educativos, confrontam-se diariamente, com uma organização e estrutura pedagógica autoritária, rígida e de sujeição.

Nossa proposta consistiu em propor ações para romper com a disciplina imposta autoritária, construindo um trabalho pedagógico coletivo-democrático e uma relação entre estudantes e educadores como reflexo deste trabalho, ou seja, um pedagogo que busque uma educação significativa que proporcione o desenvolvimento das potencialidades e habilidades dos estudantes, tendo como conduta profissional estar politicamente comprometido, ou seja, compreendendo a importância social do seu trabalho e comprometido também tecnicamente tendo em vista que não é detentor do saber por isso exige do educador a busca da pesquisa de novos conhecimentos de atualização, um trabalho pedagógico construído e desenvolvido pautando-se em por meio de um trabalho coletivo um processo democrático de decisões que supere os conflitos as relações competitivas e autoritárias, tendo em vista cumprir a função social e política da escola.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 21. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

CANDAU, V. M. Interculturalidade e educação escolar. In: CANDAU, V. M. (Org.) **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 2, 1990.

FLEURI, R. M. **Entre disciplina e rebeldia na escola**. Brasília: Líber Livro, 2008.

_____. **Educar para quê? contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. 9 ed. São Paulo: Cortez. 2001.

FOCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre associativismo do terceiro setor**. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

HILSDORF, M. L. S. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2 grau. Serie formação do professor).

OLIVEIRA, R. P. Política educacional no Brasil: alguns desafios dos anos 90. **Revista da FEUSP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 5-20, 1992.

OLIVEIRA, Romualdo P. de. **Educações e sociedade na Assembléia Constituinte de 1946**. São Paulo: FEUSP, 1990.

RIBEIRO, M. L. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1981.

RODRIGUÊS, N. **Da mistificação a escola necessária**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, D. **O legado educacional no século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SOUZA, Rosa de Fátima. **Lições da Escola Primária: o legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2004.

TANQUES, M. F et al. **O papel do pedagogo na gestão: possibilidades de mediação do currículo**. Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br/cge/arquivos/File/Texto_albertoni_lentz.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

WINCH, C. **Dicionário de filosofia da educação**. São Paulo: Contexto, 2007.

APÊNDICES

Apêndice A
Modelo de Questionário dos Estudantes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário para coleta de dados de pesquisa referente a trabalho de conclusão de curso

Nome da Pesquisa: Implicações da Indisciplina na Organização da Escola

Discente: Janifer Alves

Orientadora: Marcia Rejania Souza Xavier.

Objetivos: Compreender as implicações dos processos de indisciplina no ambiente escolar.

Questões para os estudantes

Nome _____ Idade _____ Série _____

Qual a matéria que você mais gosta? _____

Por que? _____

Quais as dificuldades que você tem para estudar? _____

Qual a matéria que você tem mais dificuldade para aprender? _____

Por que? _____

Qual a matéria que você tem mais facilidade para aprender? _____

Por que? _____

Como você se comunica com seus professores? _____

Você consegue entender o que eles falam? _____

Por que? _____

O que você mais gosta na escola? _____

Por que? _____

O que você não gosta na escola? _____

Por que? _____

Se você fosse o dono ou a dona da escola o que você faria para ela ficar bem legal? _____

Apêndice B

Tabulação do Questionário dos Estudantes

TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DOS ESTUDANTES									
NOME, IDADE, SÉRIE.	MATÉRIA QUE MAIS GOSTA.	POSSUI DIFICULDADES PARA ESTUDAR	MATÉRIA QUE TEM DIFICULDADE DE APRENDER	MATÉRIA QUEM TEM FACILIDADE DE APRENDER.	COMO SE COMUNICA COM SEUS PROFESSORES.	VOCÊ CONSEGUE ENTENDER O QUE O PROFESSORES DIZEM	O QUE MAIS GOSTA NA ESCOLA.	O QUE NÃO GOSTA NA ESCOLA.	SE FOSSE O DONO OU DONA DA ESCOLA O QUE FARIA PARA FICAR BEM LEGAL.
Isabely Marques de Souza 10 anos 4ª Série B.	Matemática, porque eu adoro contar, frações e problemas.	Nenhuma..	Nenhuma, porque não tenho dificuldade de aprender.	Matemática, porque é a matéria mais fácil.	Indo até sua mesa	Sim, porque eles falam muito claramente..	Dos meus colegas da sala, porque são muito legais.	Do lanche, porque é muito ruim.	Destruiria o parque para colocar uma piscina e aumentaria todas as salas.
Leticia Ferreira Claro 10 anos 4ª Série B	Matemática, porque é uma matéria legal e não é tão difícil	Eu me desconcentro com a conversa e não presto atenção	História porque eu acho mais difícil..	História porque eu acho mais difícil.)	Matemática porque é uma matéria que a professora passa todos os dias.	Eu a chamo pelo nome.	Sim eles falam para mim mas se eu não entender eles repetem.	As danças da Tia Patrícia e as aulas do Tio Gláudio, porque eles são legais..	As broncas, por que sim.
Paula Souza Rafael 10 anos 4ª Série B	Geografia, porque eu acho que é a matéria mai legal de todas..	Nenhuma.	Ciências, porque ciência é matéria mais difícil.	Matemática, porque é a que e aprendo mais rápido.	Eu vou até eles e falo e tem vezes que eu levanto a mão e falo.	Sim, porque eu presto atenção..	Do pátio, porque é lá que eu brinco com minhas amigas.	Das provas, porque tem provas que são difíceis.	Eu colocaria uma piscina com tobogã e colocaria uma montanha russa e distribuiria sorvete
Heloisa de Almeida Brito 10 anos 4ª Serie	História, Geografia e Ciências, porque eu entendo mais e gosto muito de trabalhar com mapa com a História do Brasil e com o corpo.	Minha dificuldade é que estudo bastante e na hora me dá uma bronca que não me lembro de mais nada	Matemática, porque para mim é, mas difícil aprender é chato.	Ciências e História, porque para mim é mais fácil e gosto muito da matéria.	Falando perguntando p que não sei.	Sim porque ela explica bem.	Das minhas amigas e da Professora.	Do lanche, porque eu acho ruim.	Colocaria uma piscina para o recreio
Matheus Muller Dourado 9 anos 4ª serie B	Matemática, porque me acalma, eu acerto tudo.	O calor.	História, porque fala muito de história dos indígenas dos escravos...	Matemática tem raciocínio e decimais.	Converso um pouco, a ousou, e levo bronca.	Sim, eu sou inteligente	Educação Física, porque eu corro.	Água do babedouro, porque tem um gosto ruim.	Piscina tobogã, vídeo game, lanche, batata frita. Para melhorar a escola.
Guilherme Henrique 9 anos 4ª serie B	Matemática, eu gosto muito de resolver as contas.	Pensar.	Português, tem muitas coisas que eu não aprendi.	Matemática, eu gosto de contar.	Falado com eles.	Sim.	Sim, a quadra gosto de jogar bola.	O parquinho, porque tem muito mato, e pode ser perigoso.	Mais horário de Educação Física.
Amanda Bheatriz de Lima Cezar 10 anos 4ª Série B	Matemática, Português, porque eu adoro fazer frações e continhas.	E que quando meu colega começa a conversar eu não consigo prestar atenção..	Geografia, porque as vezes eu não consigo achar resposta.	Matemática, porque eu acho muito mais fácil matemática.	Quando eu quero falar eu levanto a mão.	Sim, porque elas falam bastante para entender.	É Educação Física, porque eu adoro correr.	Provas, porque quando a gente termina a prova fica nervoso com a nota da prova.	Eu ia colocar cama elástica, e eu ia fazer o chão de borracha porque quando agente cair levanta na hora e também ia acabar com as provas.
Thais Cristina Gomes. 10 anos 4ª Série B	Ciências, porque você estuda as coisas que acontecem e também por causa que descobre outras espécies de animas.	Tenho dificuldades em algumas contas.	Matemática, por causa das contas.	Matemática, por causa das contas.	Ergo a mão para falar espero minha vez.	Sim, porque se você prestar atenção na aula você entende.	Educação Física, você usa a cabeça e movimentá o corpo.	Não, eu gosto de tudo não tenho nada para reclamar.	Ponhava aula de Artes..

Guilherme N. Braga 10 anos 4ª série B	Matemática, porque adoro números e frações.	Quase nenhuma a maior é a preguiça que quase todos tem.	Nenhuma, não tenho dificuldades de aprender matérias, é só ler e caso não entender reler.	Matemática, acho que sou bom com números.	Normalmente vou ate eles e falo.	Sim, porque eles explicam de um jeito fácil.	A quadra adoro futsal.	Nada, ela é boa do jeito que é.	Distribuiria sorvete grátis e comprari um Nitendo Wii para a 4 série, piscina e um tobogã e traria o Beto Carreiro World.
Leopoldo M. C.O 9 anos 4ª Série B	Matemática e Ciências porque gosto de fazer continhasm gosto de fazer experiências.	Nenhuma.	Nenhuma, eu aprendo rapidinho com a fração.	Matemática, porque eu aprendo rapidinho.	Levanto a mão falando com ele.	Sim, eu presto atenção.	A quadra, eu jogo futsal.	É do refeitório, porque eu escorreguei nele ontem dia 17/06/2010, não tinha nenhuma placa para identificar.	Eu colocaria televisão de plasma nas salas e telão para assistir o jogo do Brasil!
Antônio Carlos 9 anos 4ª Série B	Matemática, porque eu estava com a nota muito baixa e agora eu consegui me recuperar.	Algumas tarefas eu não sei ai eu pergunto para a professora até entender.	Ciências, eu não gosto muito não, mas é jeito.	História, na matéria quando eu não sei eu vou lá e pesquiso.	Perguntando a professora.	Sim, às vezes.	Na hora do lanche e futsal, na hora do lanche sanduiche na hora do futebol eu jogo.	Nada ela é boa do jeito que é.	Coloria um telão na escola.
Gabriel O. 9 anos 4ª Série B.	Matemática, porque eu gosto de fazer continhas.	Nenhuma.	Nenhuma, porque eu gosto de fazer todos os matérias.	Matemática, porque eu gosto de estudar matemática.	Levanto a mão.	Sim, porque ela fala de vagar.	Quadra, porque pode fazer esportes.	O mato, porque tem aranha.	Colocar mais professores.
Vitória S. Fernandes. 10 anos 4ª série B	Matemática, História, Português e Geografia, porque eu gosto e acho legal.	Nenhuma.	Matemática tem cotinhas um pouco complicadas.	Português, porque acho legal e fácil.	Não.	Sim, eles explicam bem.	A Educação Física, porque gosto das aulas de bola queimada e etc.	O recreio, porque tinha que ser mais comprido.	Colocar natação.
Philippe 11 anos 4ª série B.	Matemática, porque gosto de números.	Português.	Português porque tem muito texto.	Matemática, porque sei multiplicar.	Sim	Sim.	Jogar futebol, porque é legal.	Da comida, porque é ruim.	Vídeo game.
Ursula Gabriela Oncken 9 anos 4ª Série B.	Matemática, porque e adoro números.	Erro de português.	Português, erro de português.	Matemática é mais fácil.	Levantar a mão.	Sim, ela explica muito bem.	Educação Física, tem um tempo livre para brincar.	Do lanche, porque fazem o lanche que eu não gosto.	4 piscinas, um parquinho novo e chão de cama elástica.
Vitor Hugo dos Santos Blandino. 10 anos 4ª série B.	Matemática, porque gosto de fração e tem fração em matemática.	Nenhuma.	Na História, porque tem algumas coisas difíceis de aprender.	Matemática, porque ela tem contas, e eu gosto de contas.	Falando com eles.	Sim, porque eu presto atenção na aula.	Do recreio, educação física, porque são asa aulas mais divertidas.	De estudar porque é chato.	Eu mudaria o futsal, eu Ronaldinho Gaucho no lugar no Professor Bira.
Calebe da Silva Munhoz 10 anos 4ª Série B	Matemática, porque é legal fazer contas e problemas e é legal raciocinar.	Erro de português e preguiça.	Português, porque é difícil.	Matemática, porque é fácil.	Falando com eles.	Sim, porque presto atenção.	Da quadra, porque lá jogo futebol.	De estudar, porque é chato.	Colocaria uma piscina, dois campos de futebol bem grandes e duas quadras uma mesa de sinuca e duas mesas de ping-pong.
Leonardo Bernardo Silva 10 anos 4ª Série B	Matemática, as contas são fáceis.	Em algumas provas.	Ciências, porque quando a professora fala eu não entendo muito.	Matemática, eu presto atenção quando a professora fala.	Eu converso com ela quando não entendo alguma coisa.	Sim, porque eu presto atenção.	O pátio e a quadra, porque nós jogamos futebol, brincamos também.	Das provas, algumas provas são difíceis.	Uma piscina e um tobogã.
Fabricia Acaidi. 9 anos 4ª série B	Matemática, porque eu gosto acho fácil.	Nenhuma.	Historia, porque minha menor nota foi nesta matéria.	Matemática, porque e entendo mais.	Bem.	Sim, porque eu presto atenção.	A quadra porque lá agente brinca.	Os trabalhos porque eles demoram para fazer.	Colocaria uma TV plasma de 52 polegadas um plastation 3 para cada sala um tobogã uma piscina distribuiria sorvete e cada dia de aula os alunos ganhariam R\$ 10,00.
Vitor Moura Sumiya 10 anos 4ª série B	Geografia, porque eu pesquisei nos mapas de relevo e outras coisas.	Uma delas é porque eu converso um pouco, mas eu não tenho dificuldade.	Matemática, porque às vezes eu falto na aula e eu não aprendo algumas continhas.	Geografia, porque eu gosto de pesquisar em mapas.	Chamando, erguendo o dedo e fazendo dialogo com eles.	Sim, porque eu presto bastante atenção.	A Educação Física, a hora do conto, porque na educação física eu brinco bastante, na hora do conto eu faço	Eu não gosto de quando não tem futebol no recreio, porque eu não tenho nada para fazer.	Eu colocaria um campo de futebol porque quase todas as pessoas gostam de jogar futebol.

							história.		
Gustavo Henrique Santos de Souza. 10 anos 4ª série B	Matemática, porque é mais fácil de aprender.	Escrever.	Português, porque é mais difícil de aprender.	Geografia, porque é mais divertido de aprender.	Conversando com ele ou ela.	Sim, porque eu presto atenção.	A quadra, porque é onde eu jogo bola.	A diretora, porque é onde os alunos levam suspensão.	Colocaria armários para os alunos, porque é um bom lugar para os alunos colocarem seus pertences.
Mateus Rocha 10 anos 4ª série B	Matemática, porque eu gosto de fazer conta.	Nenhuma.	Português, porque tem produção de texto.	Matemática, porque conta é mais fácil.	Falando.	Sim, eu presto atenção.	A quadra, porque eu jogo futebol.	O refeitório, porque tem alguns lanches ruins.	E ia colocar uma piscina.
Ana Carolina de Oliveira 10 anos 4ª série B	Ciências, porque eu acho legal aprender coisas sobre energia elétrica e outras coisas.	Bom eu acho que não tenho nenhuma.	Eu acho que é matemática, porque te contas problemas um pouco difíceis.	É a de português, porque eu acho legal porque tem textos e eu acho fácil.	Fazendo diálogos, erguendo a mão e faço minha pergunta.	Sim, porque eles ficam falando a mesma coisa toda hora..	Eu gosto de aprender e dos colegas porque todo mundo quer ficar esperto e ninguém gosta de ser sozinho então gosto dos meus amigos.	Eu não gosto quando tá chovendo, porque não pode brincar no pátio.	Mudaria nos horários faria os alunos saírem mais cedo.
Martone Silva Jubank 10 anos 4ª série B	Matemática e ciências, porque é mais fácil, pois eu aprendo muito sobre ciências e contar.	Eu não consigo ler bem por isso eu não entendo as coisas.	História e português, porque tem varias questões difíceis, e por isso eu tenho dificuldade.	É matemática e ciências, porque é mais fácil de entender e também tem poucas questões.	Ouvindo o que eles falam e obedecendo.	Sim, porque eu fico quietinho ouvindo eles falarem.	É o recreio, porque agente brinca e descansa um pouco.	É a sala de aula, porque agente tem que mexer a mão e tem muita conversa.	Eu faria que todas as coisas de estudo fossem fáceis e que Oe recreio e a Educação Física fossem mais tempo.
Isabela Granado Marques 9 anos 4ª série B	Matemática, porque eu gosto muito de continhas de vezes, mais e dividir e de menos.	Nenhuma.	História, porque é muito complicado e tem muitas palavras ai eu me confundo.	Matemática, porque eu faço Kumon dai fica mais fácil.	Chamando puxando conversa.	As vezes, porque as vezes eles falam coisas que eu não acho no dicionário.	Mingau e de brincar, porque eu gosto de mingau porque o daqui é delicioso. Eu gosto de brincar porque tem bastante especo aqui.	De futebol no recreio, porque assim fica chato brincar no pátio.	Colocaria uma piscina com uma parque gigante de piscinas só para a 4ª série, todo o dia mingau, ó ter matéria de matemática, não ter futebol todo o dia ter vôlei ou basquete ou queimada que eu fosse professora, que eu fosse mito legal, que ninguém brigasse, que todos fossem felizes, que na escola desse sorvetes só para a 4ª série, que tivesse arroz doce sem caramelo e que toda hora fossemos na piscina.
William Petrik Borsato 10 anos 4ª série B	Matemática, porque é legal aprender contar e divisão.	Quase nenhuma só tenho erro de português.	Português, porque eu tenho erro de português.	Geografia, é legal aprender mapas e estados.	Conversando.	Sim, porque os professores explicam ate você entender.	As atividades é legal estudar.	O lanche da escola, tem coisas que eu não gosto.	Mudar o lanche a sala, ela seria particular e a escola.
Rafael Rodrigues Previdi. 10 anos 4ª série B	Matemática, porque é a matéria que eu sou melhor.	Que eu não tenho tempo.	Historia, porque eu não sou bom em história.	Matemática, porque eu tenho mais facilidade.	Bem.	Sim, porque não é difícil.	Educação Física, porque eu fico fora da sala.	De estudar, porque é chato.	Demolia o parque.
Carlos Bartholomeu 10 anos 4ª série B	Ciências, porque quando crescer serie biólogo e arqueólogo.	Nenhuma.	Nenhuma.	Ciências, porque e minha matéria preferida.	Conversando e perguntando sobre a matéria.	Sim, porque eles explicam bastante.	Educação Física, hora do conto, aula de musica porque eu jogo xadrez, empresto um livro aprendo a tocar instrumentos.	De futebol, porque é um esporte um pouco violento.	Faria um laboratório de Ciências, outro de tecnologia e outro de química.

Ana Carolina Alves 10 anos 4ª série B	Matemática, porque é fácil.	A luz do sol na janela.	Produção de texto porque sou lenta.	Matemática, porque é fácil.	Com as palavras peço com licença tá bom e já vou.	De vez enquanto, porque eles tem sotaque.	Hora do lanche, porque é gostoso.	Colegas, porque são chatos.	Colocaria uma piscina.
Leonardo F. Gomes 10 anos 4ª série B	Ciências e matemática, porque gosto.	Nenhuma.	Geografia, porque é difícil.	Ciências, porque eu entendo.	Durante a aula.	Sim, porque eu fico em segundo lugar..	O futsal e a Educação Física, porque nós nos mexemos muito.	Estudar, porque é chato.	Uma semana inteira de quadra, cada sala uma televisão de 63 polegadas cada uma com um vídeo game.
Thaissa dos Santos. 8 anos 3ª série B	História, porque é muito legal.	Eu me distraio fácil se eu tiver fazendo uma coisa e depois eu esqueço o que estava fazendo e depois eu tenho que inventar outra.	Nenhuma, porque eu sei todas.	Matemática, porque eu gosto de matemática.	Levanto a mão para ela vir no meu lugar ou então eu vou à mesa dela quando não tem ninguém na mesa.	Não, porque eles ficam falando junto e a tia fala que é para levantar a mão.	Educação Física, porque a gente joga basquete, futebol e queimada.	A diretora, porque ela não deixa levar coisas para comer.	Eu ia mandar colocar uma piscina bem grande para eles fazerem natação na escola.
Julia Victoria Hidalgo Diorio 9 anos 3ª série B	Produção de texto é porque escrevo historia e eu adoro.	Matemática.	Matemática, porque faz muitas contas que eu não sei fazer.	Produção de texto faz história bem divertida.	Eu converso com ela e ela me responde.	As vezes, porque eu não entendo.	De brincar de pega-pega, porque corre e se diverte.	Eu gosto e tudo, porque tudo é legal.	TV bem grande para a entrada.
Luiz Felipe Preste Macedo 10 anos 3ª série B	Produção de texto, porque eu gosto de inventar histórias animadas e boas.	A dificuldade é o caderno de matemática.	A prova de matemática é mais difícil para mim.	É a de ciências eu amo ciencias.	Muito bem porque ela faz tudo para nosso bem.	Consgio, eu presto atenção quando ela fala.	No parquinho, porque da para nos brincarmos de muitas coisas.	De briga, porque acaba se machucando.	Pintar.
Ruam Boletti Souza 9 anos 3ª série B	Matemática, porque meche com conta, com números etc.	As vezes de entender.	História, porque trabalha sobre o passado.	Português, porque trabalha sobre alfabeto adjetivo, substantivo e etc.	Chamando.	Sim, porque eles falam coisas que eu entendo.	A Educação Física, porque às vezes professora da futebol.	O lanche, porque as vezes é meio ruim o lanche.	Eu faria passeios e educação física todo dia.
Luiz Miguel Mafra Gaimo. 8 anos 3ª série B	Matemática, porque tenho facilidade para fazer as perguntas as contas.	Porque quando eu estudo eu sei tudo, mas no dia da prova eu esqueço tudo .	Português, porque eu não entendo quase nada.	Matemática, porque eu tenho facilidade para fazer as perguntas e as contas.	Eu vou até a mesa dela e falo o que quero perguntar.	Às vezes, porque elas falam algumas coisas estranhas.	A quadra, porque lá posso fazer o esporte que mais gosto.	A comida, porque as cozinheiras cozinham bem.	Colocaria uma cantina.
Gabrieli Coelho de Oliveira 9 anos 3ª série B	Matemática e português, porque eu sou melhor em matemática e português.	As minhas dificuldades para aprender e responder e só.	Produção de texto, porque eu acho que e faço algumas histórias feias.	Matemática, porque eu acho muito mais fácil aprender as contas e as coisas de matemática.	Conversando e perguntando.	Sim, porque ela é uma professora todo mundo deve entender o que a tia fala.	Educação Física, porque é a mais divertida agente corre brinca se diverte e tudo mais.	Eu não gosto na escola são os meninos.	Eu ia deixar as crianças terem educação física todo o dia..
Matheus Henrique 9 anos 3ª série B	Matemática, tem conteúdos legais.	Nenhuma.	Português, porque não entendo.	Matemática, porque nessa minha mãe ajuda.	Chamando ou pedindo ajuda.	Sim, para entendê-la.	Educação Física, porque tem futebol.	Nada.	Não respondeu.
Victor Hugo Marino 8 anos 3ª série B	História, porque é legal.	Na matemática, por causa da tabuada.	Matemática, porque tem que estudar a tabuada.	Ciências, eu vejo como as coisas são importantes e começo a pensar até conseguir.	Eu ergo a mão vou até a mesa dela e começo a perguntar.	Sim, eu sei como isso é importante tudo que elas falam.	Educação física, porque nos aprendemos esportes e alongamos.	Das provas, porque elas são muito difíceis, mas depois de um tempo nos entendemos. .	Deixava entrar na quadra a hora que quisermos.
Kellem Ruba de Lemos. 9 anos 3ª série B.	Matemática, porque em contas legais.	História.	Geografia, porque é difícil.	Matemática, porque eu leio e leio até entender.	Sim, quando não sei fazer algo peço ajuda a ela e ela me explica.	Sim porque eles (elas) explicam bem.	O parque, porque é legal tem balanço.	Pessoas que batem, eles batem e machucam as pessoas.	Deixava eles até mais tarde, arrumar o parque de 2 escorregadores e mais 4 balanços.
Carlos Hambert Baptista S. 9 anos 3ª série B	Ciências, porque ciências é uma coisa que eu gosto muito tem muita coisa importante.	Ficar com o vídeo game, porque com ele eu não consigo estudar.	Matemática, porque é meu ponto fraco nas continhas eu tenho muita dificuldade.	Ciências, porque eu entendo.	Durante a aula.	Sim, porque eu fico em segundo lugar..	O futsal e a Educação Física, porque nós nos mexemos muito.	Estudar, porque é chato.	Uma semana inteira de quadra, cada sala uma televisão de 63 polegadas cada uma com um vídeo game.

Micael Marinho Souza 8 anos 3ª série B	Matemática, porque tem que fazer contas e cálculos.	Nada, eu acho tudo fácil,	Historia, porque não gosto de fazer historia.	Matemática, porque ela é só fazer contas.	Eu me comunico assim: "Professora eu não entendi?".	Sim, porque eu não fico conversando com nenhum colega.	Passeio, porque eu vou à chácara Viação Garcia.	Parque, porque ninguém brinca mais no parque.	Eu faria quadra e parque.
Enzo Rafael T. Macias 8 anos 3ª Série B	Matemática, porque eu gosto de fazer contas.	Que meu pai não está em casa.	Geografia, porque eu não entendo muito essa matéria.	Matemática, porque a matemática é fácil.	Eu falo que não entendi.	Sim, porque eles explicam direito.	Educação física, porque eu gosto de jogar bola e das atividades que a professora passa.	Prova, porque é difícil.	Ter todo dia passeio.
Peterson Henrique Baratto de Souza 10 anos 3ª série B	Ciências, porque é legal descobrir coisas.	Fazer contas difíceis.	Gramática, porque é difícil.	Ciências, porque é muito legal aprender.	Conversando.	Não, porque está muito longe.	De educação física, porque é bom exercitar.	Nada.	Colocar computadores e aumentar a escola.
Gustavo Borges 9 anos 3ª série B	Eu gosto de todas as matérias.	Escrever.	Escrever.	Escrever, porque tenho letra feia.	Bem.	Sim.	Todo, porque é muito legal.	Não respondeu.	A sala de aula.
Vistor Manoel do Nascimento 9 anos 3ª série B	Matemática, por causa das contas de divisão e subtração.	Nas provas de história.	História, porque é muito difícil.	Matemática, porque é muito fácil.	Pelo telefone.	Sim, eles falam minha língua.	A quadra, porque ela é muito boa para jogar bola.	O parque, porque ele é muito ruim.	Mudar tudo.
Ana Inês Miriam Tobias 8 anos 3ª série B	Matemática, porque eu gosto de fazer continhas.	Nenhuma..	Prova, porque tem coisa que eu não consigo.	Produção de texto, porque é legal fazer cursiva.	Alegria felicidade e muita paixão.	Sim, porque é importante.	O parque, porque tem muito brinquedo.	Nada, porque não tem nada.	Uma televisão 39 polegadas.
Mateus Bento de Jesus. 8 anos 3ª série B	Matemática, Porque a professora passa coisas legais de matemática.	É quando eu não estudo para a prova.	Historia, porque é muito, muito legal.	Ciências, porque quando a professora passa alguma coisa de ciências eu odeio.	Eles mandam a gente fazer a tarefa, as coisas que ela passa atividades e provas e etc..	Sim, porque a professora é muito legal.	Educação Física e recreio, porque a professora é legal e o recreio é massa.	Quando não tem educação física.	Passeio.
Pedro Henrique Camargo 9 anos 3ª série B	A Ciência, porque é legal.	Nenhuma	Historia, porque é chato.	Matemática, porque é entendendo mais.	Matemática, ela para mim na tenho tanta dificuldade.	Sim, porque eu presto muita atenção.	A educação física, porque eu jogo bola.	De nada.	Ter passeio todos os dias.

Apêndice C
Modelo de Questionário dos Educadores

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário para coleta de dados de pesquisa referente a trabalho de conclusão de curso

Nome da Pesquisa: Implicações da Indisciplina na Organização da Escola

Discente: Janifer Alves

Orientadora: Marcia Rejania Souza Xavier.

Objetivos: Compreender as implicações dos processos de indisciplina no ambiente escolar.

Questões para Educadores e Educadoras

Nome _____ Idade _____ Estado Civil _____

Email _____ Telefone _____

Formação _____

Nome da instituição que trabalha _____

Há quanto tempo trabalha no Ensino Fundamental _____

Como se capacita para atuar no Ensino Fundamental _____

Qual a metodologia utilizada em sala de aula, por quê? _____

Como você sabe que seus alunos aprenderam os conteúdos que você ensinou? _____

Quais as dificuldades encontradas para realizar o seu trabalho? (espaço físico, materiais didáticos, recursos tecnológicos, metodologias, conteúdos alunos, outros) _____

O que você mais gosta na escola e no trabalho que você desenvolve? _____

Quais os fatores que ajudam ou atrapalham na aprendizagem dos alunos? _____

Para você o que é indisciplina? _____

Quais as possíveis causas da indisciplina? _____

Em que termos a indisciplina se relaciona com a atividade de ensinar? _____

Em que termos a indisciplina se relaciona com a atividade de aprender? _____

Em que termos a organização da escola se relaciona com a indisciplina? _____

Apêndice D
 Tabulação dos Questionários dos Educadores

TABULAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DOS EDUCADORES												
NOOME, IDADE, ESTADO CIVIL, FORMAÇÃO, EMAIL.	TEMPO DEN ATUAÇÃO NO EF E NESTA ESCOLA	COMO SE CAPACITA PARA ATUAR NO EF	METODOLOGIA UTILIZADA	COMO SABE QUE OS ESTUDANTES APRENDERAM OS CONHECIMENTOS ENSINADOS	FATORES QUE AJUDAM OU ATRAPALHAM NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES	DIFICULDADES PARA REALIZAR O TRABALHO	O QUE MAIS GOSTA NA ESCOLA E NO TRABALHO QUE DESENVOLVE	CONCEPÇÃO DE INDISCIPLINA	POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA	RELAÇÃO DA INDISCIPLINA COM A ATIVIDADE DE ENSINAR	RELAÇÃO DA INDISCIPLINA COM A ATIVIDADE DE APRENDER	RELAÇÃO DA ORGNIZAÇÃO ESCOLAR COM A INDISCIPLINA
Margarida Candido Silva (MCS) 43 anos casada marga-candida@bol.com.br	24 anos	Além de ler muito, participo de vários cursos de formação oferecidos pela prefeitura e instituições de ensino de nossa cidade.	Construtivista porque permite o aprendizado participativo e de "mão dupla" onde ensino e também aprendo com os alunos	Observando o dia a dia, fazendo anotações para retomar o que não aprenderam e avaliações diagnóstica.	Os fatores que ajudam são: o prazer naquilo que faço, o apoio da direção e supervisão da escola, o entrosamento com os alunos, trabalho em grupo que facilita o companheirismo a solidariedade e aprendizagem, a participação da maioria dos pais, a troca de experiências e planejamento conjunto com a outra colega de turma. O que atrapalha é a defasagem de conteúdo dos alunos.	A maior dificuldade está em não ter constantemente uma pessoa auxiliar para dar mais atenção aos alunos com dificuldades, pois a turma é numerosa (35 alunos). Quanto aos materiais didáticos e recursos tecnológicos a escola dispõe.	Gosto dos alunos, de ensinar, dos meus colegas de trabalho. Sinto-me muito bem e orgulhosa por estar aqui.	Indisciplina para mim é falta de respeito às regras estabelecidas pela turma porque as vezes a turma está conversando muito mas é sobre o trabalho que estão desenvolvendo, isto não é indisciplina.	Metodologia utilizada em sala, problemas de déficit de atenção e defasagem de conteúdos.	Quando há indisciplina é muito difícil ensinar, pois o aluno não participa do que está sendo proposta e atrapalha toda a turma.	Sendo indisciplinado o aluno tem dificuldade de aprender e assimilar o conteúdo	É preciso que a escola tenha organização, caso não ocorra há indisciplina, não só por parte dos alunos, mas por parte dos profissionais que nela trabalham e isto afeta todo o trabalho escolar.
Maria José de Araújo (MJA) 51 anos Divorciada majose@sercontel.com.br	19 anos	Participação de cursos palestras, grupos de estudo na escola, leitura e pesquisa na Internet.	Segue a proposta pedagógica do trabalho contextualizado (construtivismo, pós-construtivismo) e se necessário tradicional.	Avaliação individual (produção de textos e etc)	Pais ausentes e indisciplina.	Em se tratando do segundo ano, hoje ainda existe 1 aluno não alfabetizado, sendo necessário um trabalho diferenciado e atenção exclusiva.	Gosto de tudo, da direção, supervisão, equipe de trabalho e de tudo o que faço.	Falta de limites e tratamento específico.	Doenças neurológicas e/ou psicológicas e educação (falta de limites por parte da família)	Atrapalha a continuidade do trabalho o professor e impede a concentração dos colegas de sala, prejudicando o ato de ensinar e aprender. Causa um stress muito alto no professor.	Falta de concentração, irritação dos colegas e do professor. Uma sala com alunos (as) indisciplinados o aproveitamento é aquém do esperado.	Convoca os pais para um diálogo, encaminhamento ara o núcleo de avaliação (psicopedagogico da Secretaria de Educação) e diálogo com o próprio aluno, orientando-o para melhorar o comportamento.
Mônica Carmo (MC) 39 anos Casada carmo-monica@gmail.com	17 anos	Fiz curso de magistério, curso superior e pós na área de ensino e cursos de capacitação anualmente.	Metodologia adotada pela prefeitura do Município de Londrina.	Verificando cadernos, através de conversas, diálogos assim como avaliação.	O interesse dos alunos pela própria educação, assim como a participação dos pais. O que atrapalha entre outra e a indisciplina e o desinteresse de alunos e dos pais.	Minha escola procura manter em ordem os materiais necessários para as aulas, porém sendo uma escola pública mantida pela Prefeitura, algumas coisas precisam ser melhoradas e que acabam se esbarrando em burocracia. Penso que era preciso uma professora – auxiliar em sala de aula, para apoio aos alunos e no que preciso para um bom	Não respondeu.	Como já dito é a falta de interesse, falta de valorização dos estudos. E não ter noção o que se aprende na escola é para a toda a vida e vai ser cobrado do aluno/pessoa no futuro.	Falta de interesse da própria criança, falta de estímulo dos pais que muitas vezes são ausentes em relação ao filho na escola.	Atrapalha, pois o que foi pensado planejado, muitas vezes não é possível se concretizar. Atividades onde é necessário em aproveitamento maior do aluno, ou que haja no mínimo uma boa colaboração, não é possível desenvolver.	A aprendizagem onde não há disciplina fica comprometida. Deixa-se de aprender muitas coisas novas.	A escola/ A função, o comprometimento da direção escolar é, impondo respeito e ordem. A professora, sozinha não consegue trabalhar é através da união de todos da comunidade escolar (professores, direção, supervisão e pais)

						andamento das aulas.						que se obtém um bom trabalho.
<p>Linda E. Teixeira (LET) 53 anos Casada. linda.linda.romero@hotmail.com.com</p>	24 anos	Participando de cursos, palestras, grupo de estudos, práticas pedagógicas, pesquisas, etc.	Construtivista, porque dá maior ênfase na construção do conhecimento.	Através do sistema contínuo de avaliação que proporciona apoio e contribui para a obtenção de resultados atingidos pelos alunos.	Estrutura e apoio familiar é de grande importância para o desenvolvimento na aprendizagem dos alunos	Todas as dificuldades encontradas devem ser encaradas como desafios a serem vencidos.	Ensinar e aprender	O mau comportamento em sala de aula que acaba prejudicando os outros alunos.	Ausência de limites, falta de interesse, de conhecimento, carecia afetiva, imaturidade, distúrbios relacionados atenção entre outros.	Quando o assunto não é do interesse do aluno; quando ele não se interessa em aprender; por ter realmente dificuldades.	Para manter a disciplina é necessário vincular os conteúdos com o cotidiano dos alunos, questionar, valorizar, estimular, orientar e desenvolver as inteligências múltiplas. A indisciplina está relacionada ao interesse e planejamento.	Quando necessário atua juntamente com a participação dos pais ou responsáveis.

NOTAS

¹ **Marcia Rejania Souza Xavier** possui graduação em Pedagogia pela UEL (1992), Especialização em Psicopedagogia (1997), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC, 2003) e Doutorado em Educação pela UFSC na Linha de Pesquisa Ensino e Formação de Professores. Atualmente é professora da UEL e desenvolve pesquisa na área de Educação de Jovens e Adultos, Educação e Diversidade, Gestão da Educação e Pressupostos Teóricos de Paulo Freire.

² **Vilze Vidotti**

³ **Zuleika Aparecida Claro Piassa** possui graduação em Pedagogia pela UEL (1992) e mestrado em Educação pela UEL (2005). Atualmente é professor assistente da UEL e da Universidade Norte do Paraná. Nesta última exerce cargo de coordenadora do curso de Pedagogia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração Educacional, Currículo, Avaliação e Planejamento Educacional, Política Educacional e Educação Profissional. Atuou como docente das séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Londrina e como Supervisora Escolar da rede Estadual de Ensino do Paraná.

4
5
6
7
8
9
10
11